UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA – PPGSCA

ROSANGELA TELMA BATISTA DE SOUZA

ARQUITETURA DA MEMÓRIA SOCIAL DOS COMUNITÁRIOS DE SANTA RITA, NA SERRA DE PARINTINS/ AMAZONAS

Manaus – AM

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA – PPGSCA

ROSANGELA TELMA BATISTA DE SOUZA

ARQUITETURA DA MEMÓRIA SOCIAL DOS COMUNITÁRIOS DE SANTA RITA, NA SERRA DE PARINTINS/ AMAZONAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para a obtenção do título

Orientador: Prof. Dr. Michel Justamand

Manaus – AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Souza de Jesus, Rosangela Telma Batista de

S729a Arquitetura da Memória Social dos comunitários de Santa Rita, na Serra de Parintins / Rosangela Telma Batista de Souza de Jesus . 2021

100 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Michel Justamand

Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Memória Social. 2. Turismo. 3. Arqueologia. 4. Comunidade. 5. Representação social. I. Justamand, Michel. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ROSANGELA TELMA BATISTA DE SOUZA DE JESUS

ARQUITETURA DA MEMÓRIA SOCIAL DOS COMUNITÁRIOS DE SANTA RITA, NA SERRA DE PARINTINS/ AMAZONAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa: Sistemas simbólicos, sob a orientação do professor doutor Michel Justamand.

Aprovada em: ...../ ...../ 2022.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr Michel Justamand – Presidente PPGSCA/UFAM – UNIFESP

_____

Prof. Dr. Alexandre Oliveira – Membro da Banca PPGSCA/UFAM – IFS

_____

Profa. Dra. Naia Maria Guerreiro Dias – Membro da Banca – UEA

_____

Prof. Dr. Deilson do Carmo Trindade – Membro Suplente

_____

Profa. Dra. Artemis Soares – Membro Suplente interno PPGSCA/UFAM

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Camilo, Suzana, Natália e Tomé, que são minhas razões de viver e alento em todas as horas difíceis de todas as trilhas que tive que desbravar. Por acreditarem em mim e auxiliarem sem medidas quando resolvi sonhar de novo, mesmo tendo que me ajudar a enfrentar as crises de medo e ansiedade... Suzana que o diga!

Em especial, ao meu filho Tomé, por tanta dedicação a mim e aos meus propósitos, desde o primeiro momento deste desafio.

Aos meus netos, Marcos Neto, João Bernardo e Romeu que são meus "filhos com açúcar" , sem vocês minha vida perderia muito da sensibilidade e cor ...

À minha mãe (*in memorian*), minha inspiração e razão de todas as lutas, meu exemplo de mulher e ser humano, que me ensinou tudo que sei e o que sou. Sua vida dedicada a mim foi meu maior prêmio, como gostaria que estivesse aqui para brindarmos a mais essa conquista, onde estiver... É a você!!

Ao meu amado, Josaias Batista de Andrade, o amor da minha vida, por não ter desistido de me encontrar e me fazer crer que valeu a pena esperar por um par, me mostrando a senda da aventura de viver e ser feliz, que me apoiou incondicionalmente nesta construção final. Pelas conversas e tergiversações entremeadas a risos e acalantos...

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores do Programa de Pós- Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, pela elucidação de tantas dúvidas e por todo o conhecimento ampliado. Por mostrarem significado plural da busca pelo conhecimento.

Ao meu colega de trabalho e amigo, Dr. Deilson Trindade, por me incentivar e ter paciência de me ouvir para que chegasse até aqui.

A todos que disseram que este momento não seria possível e fizeram de tudo para isso, mas se equivocaram e cá estou... a vocês, eu dedico o meu estimulo!

Aos professores que participaram de minha Banca de Qualificação e Defesa, Dr. Alexandre Oliveira e Dra. Naia Maria Guerreiro, pela sapiência e competência. Muito obrigada pelo aprendizado e exemplo.

Ao meu querido orientador e amigo, Dr. Michel Justamand, por me aceitar como sua orientanda e me mostrar que o verdadeiro Mestre pode mostrar o “caminho das pedras” com paciência e sabedoria. Muito obrigada por acreditar em mim! És um ser humano incrível!

RESUMO

A dissertação intitulada Arquitetura da memória social dos comunitários de Santa Rita, na Serra de Parintins/ Amazonas foi uma pesquisa cuja abordagem terá cunho qualitativo, seu objetivo principal será compreender a memória social acerca da representação dos vestígios arqueológicos e da importância do turismo . Terá como base os processo socioculturais e a formação identitária como fios que tecem a origem da comunidade Santa Rita , na Serra da Valéria, dialogando com resultados de pesquisas bibliográficas , diário de campo, dados colhidos em estudos relevantes e registros acerca da origem da comunidade. Terá como foco a percepção dos moradores acerca da comunidade e seu crescimento, ressaltada no sentido de pertencimento e valorização do patrimônio ali contido, focalizando todos os fatos significativos daquele "chão". Além da abordagem qualitativa, terá foco as narrativas dos participantes, a fim de compreender com maior exatidão e fidedignidade a proposta.

Na primeira sessão será mostrada uma panorâmica da comunidade da formação da comunidade e as impressões diante da interpretação de alguns autores que conheceram as comunidades amazônicas em seus contrastes como Charles Wagley (1988), Helena Pinto Lima (2013), Naia Dias (2013) entre outros. Será ressaltado o *modus vivendi* daquele povo e a divisão social do trabalho, com o intuito de conhecer as formas de crescimento socioeconômico e cultural para a comunidade. Também serão enfatizadas as transformações idiossincráticas na região, introduzidas a partir do turismo e da presença do patrimônio arqueológico, desse modo, versará sobre os elementos endógenos e exógenos como constitutivos da construção da memória social, de mudanças e transformações vivenciadas por comunitários mais antigos e mais jovens.

Na segunda sessão, será feita uma abordagem sobre o aspecto cultura partindo da Antropologia Interpretativa do antropólogo Clifford Geertz (1978), que apoiado em Max Weber defende a tese de que a interpretação de uma cultura se dá sob o aspecto da relação de indivíduos com as estruturas existentes, ou seja, a compreensão da cultura e das relações com o individuo. Usaremos o pensamento do antropólogo e filosofo Frances Levi- Strauss (1985) que defende a ideia de que existem estruturas comuns, que todas as culturas compartilham as mesmas ideias, seu trabalho não visa mensurar as culturas, mas analisar o que há de comum entre elas.

Serão usados os estudos feitos a partir da questão da presença dos sítios arqueológicos na Amazônia, de forma geral, concentrando o foco nos dados obtidos na região da Valéria, próximo ao município de Parintins. Servirá como princípio norteador para as investigações dos diferentes povos que se localizaram nesta área , assim como suas contribuições , encontradas a partir dos vestígios localizados em pesquisas, nos últimos dez anos. Será necessário conhecer e analisar a visão dos estudiosos acerca do imaginário dessa área para o entendimento das informações será interpretadas nos capítulos seguintes.

Quanto às categorias abordadas, faremos uso das seguintes: a representação arqueológica, a cultura ribeirinha, a linguagem e a memória social, com os estudiosos que nos apresentam o imaginário como pano de fundo para a pesquisa. Usaremos o pensamento do antropólogo, filósofo, professor universitário francês conhecido por seus trabalhos sobre imaginário e mitologia Gilbert Durand (1997), do pensador francês Michel Maffesoli (2001), conhecido pelos relevantes estudos sobre o imaginários contemporâneo a partir da filosofia fenomenológica e da sociedade compreensiva.

O pensamento do sociólogo Francês Pierre Bourdieu (2018), vem trazer a visão do Estruturalismo, dialogada com autores clássicos como Max Weber, Durkeim (2007) e outros , no que tange ao entendimento das estruturas do mundo, influenciadas nas ações humanas e frutos das ações de seus agentes, dentro de uma relação dialética .

Quanto ao turismo, faremos uma abordagem qualitativa e descritiva sobre suas relações com empreendimentos e os artefatos produzidos na comunidade a partir dos vestígios arqueológicos e a presença dos turistas que periodicamente aportam àquela região , para isso utilizaremos os estudos do pesquisador Agnaldo Correa de Souza (2013) , oriundo do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia.

Na terceira sessão buscamos conhecer a construção da memória social , dialogando com o trabalho da pesquisadora e psicanalista Jô Gondar (2008) pela PUC- /Rio de Janeiro, que atua no Programa de Pós - graduação em Memória Social, acerca da tríade Memória individual, memória coletiva e memória social e as narrativas dos participantes da pesquisa.

Também será analisado o avanço das relações sobre a comunidade, ou seja, saber em que a presença do sítio arqueológico contribuiu ou não para que a comunidade crescesse com as atividades que se desenvolveram. Quais as relações de poder que se mantêm ou se instalaram ao longo dos anos na comunidade, assim como o que as mesmas trouxeram

àquele povo ribeirinho em comparação a outras comunidades da região do Amazonas e em outros períodos de seu desenvolvimento.

Para a análise das informações, teremos como aportes teóricos os estudos da professora Neide Gondim (2007), do professor Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008) , entre outros , com o objetivo de entender a visão que se estabeleceu em comunidades ribeirinhas, especificamente na área da serra da Valéria. Por tratar-se de uma pesquisa que se propõe conhecer a comunidade e seu desenvolvimento em diversos aspectos que envolvem a economia e as relações de força que nela se constituem, traremos a interpretação e a contextualização dos diversos pensadores e pesquisadores, como forma de fortalecimento da construção da memória social.

Como parte final desta sessão, será apresentada uma análise sobre a atuação dos elementos endógenos e exógenos que atuam de maneira ostensiva na comunidade. Serão utilizados os estudos dos professores da UFRR, Elói Martins Senhoras e Jordana de Souza Cavalcante (2014), do professor francês Ignacy Sachs (2008) , entre outros para a interpretação do acirramento das tensões e politicas públicas que esta comunidade tem enfrentado ao longo de sua existência, no contexto amazônico.

Palavras- chave: Comunidade; Arqueologia; Turismo; Memória Social

ABSTRACT

The dissertation entitled Architecture of the social memory of the communities of Santa Rita, in Serra de Parintins / Amazonas was a research whose approach will have a qualitative nature, its main objective will be to understand the social memory about the representation of archaeological remains and the importance of tourism. It will be based on sociocultural processes and identity formation as threads that weave the origin of the Santa Rita community, in Serra da Valéria, dialoguing with results of bibliographic research, field diary, data collected in relevant studies and records about the origin of the community. It will focus on the residents' perception of the community and its growth, highlighted in the sense of belonging and appreciation of the heritage contained therein, focusing on all the significant facts of that "ground". In addition to the qualitative approach, it will focus on the narratives of the participants, in order to understand the proposal with greater accuracy and reliability. In the first session, an overview of the community formation of the community will be shown and the impressions on the interpretation of some authors who knew the Amazonian communities in their contrasts such as Charles Wagley (1988), Helena Pinto Lima (2013), Naia Dias (2013) among others. others. The modus vivendi of that people and the social division of labor will be highlighted, with the aim of knowing the forms of socioeconomic and cultural growth for the community. It will also be emphasized the idiosyncratic transformations in the region, introduced from tourism and the presence of archaeological heritage, in this way, it will deal with the endogenous and exogenous elements as constitutive of the construction of social memory, of changes and transformations experienced by older and more young. In the second session, an approach will be made about the cultural aspect, starting from the Interpretive Anthropology of the anthropologist Clifford Geertz (1978), who, supported by Max Weber, defends the thesis that the interpretation of a culture takes place under the aspect of the relationship of individuals with the existing structures, that is, the understanding of culture and relationships with the individual. We will use the thought of the anthropologist and philosopher Frances Levi-Strauss (1985) who defends the idea that there are common structures, that all cultures share the same ideas. Studies based on the question of the presence of archaeological sites in the Amazon will be used, in general, focusing on the data obtained in the region of Valéria, near the municipality of Parintins. It will serve as a guiding principle for the investigations of the different peoples that were located in this area, as well as their contributions, found from the traces located in research, in the last ten years. It will be necessary to know and analyze the view of scholars about the imaginary of this area in order to understand the information that will be interpreted in the following chapters. As for the categories addressed, we will make use of the following: archaeological representation, riverside culture, language and social memory, with scholars who present us with the imaginary as a background for the research. We will use the thought of the French anthropologist, philosopher, university professor known for his works on imaginary and mythology Gilbert Durand (1997) , of the French thinker Michel Maffesoli (2001), known for relevant studies on contemporary imaginaries from phenomenological philosophy and The thought of the French sociologist Pierre Bourdieu (2018) brings the view of Structuralism, in dialogue with classic authors such as Max Weber, Durkeim (2007) and others , regarding the

understanding of the structures of the world, influenced by human actions and the fruits of actions of its agents, within a dialectical relationship. As for tourism, we will make a qualitative and descriptive approach to its relations with enterprises and the artifacts produced in the community from the archaeological remains and the presence of tourists who periodically arrive in that region, for this we will use the studies of the researcher Agnaldo Correa de Souza (2013), from the Society and Culture Program in the Amazon. In the third session we seek to know the construction of social memory, dialoguing with the work of the researcher and psychoanalyst Jô Gondar (2008) at PUC-/Rio de Janeiro, who works in the Postgraduate Program in Social Memory, about the triad Individual Memory, collective memory and social memory and the narratives of the research participants. The progress of relations with the community will also be analyzed, that is, knowing how the presence of the archaeological site contributed or not for the community to grow with the activities that were developed. What are the power relations that are maintained or installed over the years in the community, as well as what they have brought to that riverine people compared to other communities in the Amazon region and in other periods of their development. For the analysis of the information, we will have as theoretical contributions the studies of Professor Neide Gondim (2007), Professor Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008) , among others , with the objective of understanding the vision that was established in riverside communities, specifically in area of the Serra da Valeria. As it is a research that proposes to know the community and its development in several aspects that involve the economy and the power relations that are constituted in it, we will bring the interpretation and the contextualization of the different thinkers and researchers, as a way of strengthening the construction of social memory.

Palavras- chave: Comunidade; Arqueologia; Turismo; Memória Social

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Área da Serra da Valéria 18

Figura 2. Subida da Serra para a comunidade Santa Rita de Cássia 18

Figura 3. Vista Geral da entrada da Serra 21

Figura 4. Igreja católica de Santa Rita de Cássia 22

Figura 5. Escola e Centro Social da comunidade 24

Figura 6. Centro comunitário de Santa Rita 25

Figura 7. Artesão da região da Valéria 29

Figura 8. Mulher artesã da região da Valéria 29

Figura 9. Trilha da subida da Serra 40

Figura 10. Artesão em atividade na comunidade Santa Rita 56

Figura 11. Comunitária sendo entrevistada em 2021 56

Figura 12. Bacia de barro- sítio AM-PT-02 61

Figura 13. Vestígios arqueológicos do sitio AM-PT-02 61

Figura 14. Futuro mirante da Serra 68

Figura 15. Vista do Mirante da Serra pela pesquisadora 69

Figura 16. Boca da Valéria 70

Figura 17. Moradia da comunidade Santa Rita 72

Figura 18. Moradia da comunidade Santa Rita 72

Figura 19. Moradia da comunidade Santa Rita 73

Figura 20. Igreja de Santa Rita 73

Figura 21. “caretinhas” encontradas e armazenadas na sala de aula 74

Figura 22. Sala onde se guardam os artefatos 77

Figura 23. Vista lateral da Escola Municipal Marcelino Henrique 78

Figura 24. Construção do ginásio da escola 79

Figura 25. Alunos em atividade de oficina sobre a importância do artesanato 81

Figura 26. Pais e comunitários em palestra na escola 82

Figura 27. Redondezas da Serra onde os turistas visitam 92

Figura 28- Redondezas da Serra onde os turistas visitam 92

LISTA DE SIGLAS

SEMSA – Secretaria Municipal de Saúde

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação do Amazonas

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

IFAM – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

USP – Universidade de São Paulo

PUC – Pontificia Universidade Católica

SECTUR – Secretaria de Turismo

TBC – Turismo de Base Comunitária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

SUMÁRIO

Introdução 15

Sessão 1. A COMUNIDADE DE SANTA RITA DE CÁSSIA NA SERRA DE PARINTINS: As impressões sobre a formação da comunidade 21

1.1. A divisão social do trabalho e o *modus vivendi* da comunidade 25

1.2. As transformações idiossincráticas na região da Serra em Parintins 31

1.3. A memória individual, coletiva e social: diferenças e aproximações 35

Sessão 2. **VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS QUE CONSTROEM A MEMÓRIA DA COMUNIDADE** 50

2.1. A Arqueologia escrevendo a história patrimonial da comunidade Santa Rita de Cássia , na Valéria. 51

2.2 Estado da Arte: perspectivas na memória de uma região ribeirinha. 56

2.3. O turismo como fios que constroem a memória coletiva da comunidade Santa Rita de Cássia 59

Sessão 3. A MEMÓRIA SOCIAL PROTAGONIZADA NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DA COMUNIDADE 69

3.1. As relações de força econômica e poder na comunidade de Santa Rita de Cássia , na Valéria 75

3.2. A atuação de elementos exógenos e endógenos atuantes no desenvolvimento da comunidade**.** **85**

3.3. Aspectos sociolinguísticos insurgentes : a comunicabilidade necessária 89

Considerações Finais 93

INTRODUÇÃO

Uma das maneiras de compreender a realidade é buscando conhecê-la in loco, desvendar seu cotidiano, se aventurar na seara cientifica. Enquanto pesquisador lançar-se-á encontrar as possíveis respostas para inquietações e indagações, dentro de um plano sistêmico, organizado.

Durante os encantos e desencantos vivenciados nas comunidades rurais, as inquietações transformaram-se em dúvidas e anteprojetos, não se conformando em desconhecer caminhos para que o povo ribeirinho busque uma vida de mais qualidade e transformações sociais.

Nesta trajetória, buscamos saber como registram e vivenciam suas histórias de vida, de mudança e transformação social. Como explicam aos que chegam o que se passou antes e o que guardarão em suas mentes para explicar o passado. Seria bom, ruim ou nada mudou?

A dissertação não busca somente ilustrar momento acadêmico, quis caminhar mais, buscar entender o desenvolvimento e se conectar com os caminhos, as tecnologias atuais, marcar a memória coletiva, como forma de posteriormente legitimar o passado, como uma lembrança, memorável.

O texto foi dividido em três sessões, pois, utiliza como norte teórico, a lógica processual da compreensão da memória a partir de etapas, conhecendo a comunidade, o *modus vivendi*, as relações de força que montam essa teia que buscou ouvir narrativas de moradores, nativos ou que habitavam na comunidade Santa Rita de Cássia há tempo suficiente para discorrer sobre o que se desejava conhecer. O estudo da memória foi interpretado a partir da neurociência, numa construção da identidade, perpassando pelo sentido patrimonial.

Teve como foco central para entendimento da memória social, o turismo e seu desenvolvimento para a comunidade, assim como o significado do sitio arqueológico para o sentimento de pertencimento.

As sessões foram feitas a partir de uma apresentação elaborada para dar mais leveza ao texto, assim como sua condução textual, imaginou-se uma aventura acadêmica à Serra da Valéria e vislumbrá-la como um grande expectador da magnitude da natureza e sua relação com o homem.

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA SESSÃO

> Ser caboclo não é mole não. É nascer no interior. Não ter medo de assombração. É trabalhar de sol a sol no roçado. Saber manejar o facão(...) José Gomes Paes

A proposta desta primeira sessão amparou-se numa análise epistemológica e sociocultural da comunidade Santa Rita de Cássia, na serra da Valéria em Parintins-Amazonas, relacionando a origem e aspectos históricos e da comunidade em contraste com experiências e percepções em relação àquela localidade, a partir de uma abordagem qualitativa, usando como instrumentos de pesquisa a observação, o estudo bibliográfico e entrevistas com moradores da comunidade, focalizando sua formação, dentro de um período de dez anos até os dias atuais.

Igualmente, há um interesse nos aspectos societais e condicionantes da realidade econômica e impulsionadores na comunidade, foram analisados e interpretados a partir de investigações e o diálogo com pesquisadores acerca dessa localidade. Esse primeiro panorama proposto na primeira sessão visa descrever e analisar a localidade e emoldurar sua evolução visando dar luz a fatos históricos que deram origem àquela comunidade.

Pretende-se abordar de forma detalhada e sistemática acerca da representação arqueológica nas pesquisas realizadas e a interpretação dos processos socioculturais e de formação histórica da comunidade Santa Rita de Cássia a partir de narrativas dos entrevistados, dialogando com os estudiosos eleitos para tal.

Para embasar nossos estudos, teremos como aportes de investigações de Naia Maria Guerreiro Dias (2020), pesquisadora oriunda do Programa Sociedade Cultural que teve como objeto de estudo a serra da Valéria, defendendo sua tese de doutorado sob o titulo “Valéria , uma arqueologia ancestral: protagonismo mítico matriarcal na Serra de Parintins, Amazonas” ; João D’Anuzio Menezes Azevedo Filho (2013) estudioso e professor da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, e Helena Pinto Lima (2013) arqueóloga e professora do Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural da USP, professores que irão contribuir com o entendimento sobre a presença do patrimônio arqueológico e a importância desse elemento na arqueologia da memória social nesta comunidade . Também terá destaque o trabalho da pesquisadora e psicanalista Jô Gondar pela PUC- /Rio de Janeiro, que atua no Programa de Pós - graduação em Memória Social, acerca da tríade memória individual, memória coletiva e memória social.

Por tratar-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que se propõe conhecer a comunidade e seu desenvolvimento sobre os diversos aspectos societais em suas relações, dialogaremos a partir da visão do sociólogo francês Edgar Morin (2003) e do físico austríaco Fritjo Capra (2003), no intuito de compreender o pensamento do homem ribeirinho acerca da evolução e transformação e como se relacionam ao longo desse processo.

Antes de mais nada, falemos um pouco sobre memória...

O barulho constante do motor cessa e deixa um silêncio abissal, ficamos meio atordoados, levantamos a cabeça e tentamos emergir naquele espaço surreal. O verde tomando conta do silêncio, a flora pincelando nossas retinas de uma cor forte e majestosa, o rio manso e suave nos convidando para um mergulho, ou somente molhar o rosto com aquela água que sorria e dava boas vindas a todos. Uma revoada de pássaros nos faz compreender a riqueza daquele ambiente, que nos remete um clima místico, meio misterioso e exótico, mas que nos envolve e nos convida a subir a serra e iniciar nossa aventura acadêmica.

Depois de alguns minutos, iniciamos nossa subida íngreme, avançando na trilha rumo à serra. No caminho, observamos que ainda há pequenos vestígios das famosas " caretinhas" ornando o trajeto, nos chamou atenção ainda estarem lá, como prova de que o povo já consegue conviver tranquilamente com essas marcas e registros de que houve quem habitasse ali há muito tempo atrás. A subida foi cansativa, careceu de preparo físico. Observamos que nessa região a natureza foi bastante generosa, ricamente bela e majestosa, o verde invadia a paisagem e em contraste com outras flores coloria sua flora singular. Meio ofegante, bastante cansativo, parávamos de quando em vez, mas quando chegamos no topo e tomamos respiração, a vista mereceu nosso desafio!

Chegamos à comunidade de Santa Rita de Cássia, uma das principais comunidades do complexo que formam a Serra da Valéria. O que pudemos vislumbrar no local, teve merecimento devido de nossa escalada, a vista magnífica, olhada de cima invade nossa curiosidade sobre a linda paisagem. Surgem então algumas indagações: como era esse local há alguns anos atrás? Como a comunidade registra essa memória? Como se constrói a memória social nesta área?

Figura 1. Área da Serra da Valéria .

Fonte: Pesquisadora Rosangela Telma (2021)

Figura 2. Subida da Serra para a comunidade Santa Rita de Cássia

Fonte: Pesquisadora Rosangela Telma (2021)

Abordar a questão de memória sem falar de lembranças que nos causam sentimentos e sensações boas ou ruins é inevitável. Aquela magia presente nas narrativas de anciãos, que experimentaram sensações singulares e muitas vezes foram participes ou protagonistas de muitas lembranças que emolduram histórias de vida. Desejamos

conhecer então a memória social desses protagonistas da história desse local que enche nossos olhos.

Para abordar o tema memória temos que lembrar que se encontra em estudos de campos amplos e dinâmicos, atemporais e de significância plural, descritas nas áreas da Neurociência, Psicologia, Antropologia que se ajusta ao desenvolvimento do ser humano ao longo de sua existência.

Dentro do contexto de lembranças temos as histórias de famílias, como por exemplo o cheiro do café coado na hora, o bolo assando no forno, a chuva caindo no telhado, o barulho ensurdecedor dos curumins brincando no quintal, enfim, a memória movimentando o tempo. Faz do passado o presente e das lembranças a razão para construção de cultura social. Ela traz proximidade ao que estava guardada no passado e seus fragmentos serão eternamente provas irrefutáveis para fatos que emolduraram uma sociedade.

Dessa maneira, a memória não se consolida no cotidiano, mas fixa o memóravel , ou seja, no presente, agimos sempre a partir de algo planejado no passado, ou seja, o que buscamos fazer no cotidiano, está em algo planejado anteriormente e se encontra no campo da memória. Ela não é a história, mas adquire significados no contexto histórico em que se insere, com isso, se torna fundamental para o ser humano, pois guardamos na memória não somente o que nos foi agradável, mas o que também as frustrações, as fobias, fatos desagradáveis, dados que não gostariamos de guardar, mas que são acionados de forma aleatória e esporádica.

Partindo desse principio, sabemos que o estudo acerca da memória pertence à natureza interdisciplinar, ou seja, navega em direções diversas, entrelaçando ideias e informações de diversos âmbitos. Ela se constrói a partir de narrativas, primeiramente individuais, depois se torna coletivas, pois nossa capacidade de futuro está marcada pela nossa capacidade de recordar e levar em conta o que temos registrado em nossa memória. Com isso, ela se torna significativa quando é partilhada, isto é, faz parte de um entendimento coletivo, construido a partir de uma teia tecida pelos diversos atores que a protagonizaram. Segundo Halbwachs (1990, p.13):

> A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade multiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social. Atual e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos

> em uma linguagem.

O autor suscita a ideia de que a memória movimenta os fios da tela da vida em sociedade, em vários aspectos, a partir de fatos e elementos que se movimentam no presente e ressignificam outras gerações, ou seja ganha força no presente.

Este trabalho se voltou a entender como se constroi a memória na comunidade de Santa Rita de Cássia, na serra da Valéria, de forma epistemológica focalizou as lembranças construidas ao longo do tempo e do espaço, momento em que a comunidade se transforma no que se refere aos vestigios que registram a passagem de povos que já viveram naquele chão e deixaram suas marcas, entrelaçadas aos costumes e tradições dos moradores atuais.

E qual a razão de nos debruçarmos sobre esses registros memoráveis?

Acreditamos que a memória é além de um depósito de lembranças, mas um processo de armazenar dados e informações importantes, pois o fazemos de maneira consciente e inconscientemtne, é a capacidade do homem de maneira individual e coletiva reconstruir a cada dia sua vida e a partir dela dinamizar tradições, que envolvem lugares, pessoas, fatos marcantes, periodos históricos e todo o desenvolvimento social que perpassam para o além do olhar presente. É nela que se consolida a tradição , em torno de lugares e processos politicos, territoriais,dinâmicas de valores, crenças, elementos de força e fraqueza.

E esses dados e informações merecem registros porque os elementos que constroem nossa memória individual, muitas vezes precisam estar em consonância com uma visão coletiva para que não se fragilize a análise, sobre isso Halbswach (1990,p. 33) segue nos alertando que:

> Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que encontram tanto no nosso espirito como nos outros porque elas se passam incenssantemente desses para aquele reciprocamente, o que só é possivel se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

O autor acentua que a memória individual é fruto dos múltiplos atos que mantêm relação com os lugares ou as pessoas, ou melhor, não podem ser avaliados fatos a partir de uma visão única que muitas vezes sequer estava em consonância com os demais, um exemplo dado pelo estudioso é a viagem que fazemos em grupo e nos encontramos introspectivos e longe do referido grupo, dessa forma todas as impressões que imprimimos ao que vislumbramos durante o percurso não será a mesma do restante do

grupo que seguiu unido e partilhado das mesmas situações.

Sessão 1. A COMUNIDADE DE SANTA RITA DE CÁSSIA NA SERRA DE PARINTINS: As impressões sobre a formação da comunidade

> Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.
> Clarice Linspector

A Serra de Parintins é uma área que possui beleza natural e exótica e se destaca na região do municipio de Parintins /Amazonas, na área do Turismo. Trata-se de uma área de terras alta, situada na fronteira do Amazonas como o Pará, possui 115 metros de altura e sua via de acesso se dá por via terrestre e fluvial. A via terrestre acontece pela estrada do assentamento que liga a Valéria à Vila Amazônia, por moto, carro, ônibus ou bicicleta. Sua magnitude envolve um misto de beleza natural do nicho místico regional, comum a todas as partes que cortam o imenso e caudaloso Rio Amazonas. É formada por cinco comunidades: São Paulo, Santa Rita de Cássia, Betel, Bete Semes e Samaria.

A busca pelo termo Valéria, encontramos na memória coletiva, e encontramos o significado do nome da mulher que por seu posicionamento politicamente forte, por não possuir herdeiros, doou suas terras a antigos moradores. Seu nome foi dado ao lungar por ser um costume da época. (DIAS, 2020, p. 45

Figura 3. Vista geral da entrada da Serra da Valéria .

Fonte: Pesquisadora Rosangela Telma (2021)

Figura 4: igreja católica de Santa Rita de Cássia

Fonte: Pesquisadora Rosangela Telma (2021)

Sobre esse importante momento na história dessa gente, assim como a contribuição factual desse periodo trouxe às comunidades amazônicas, Porro (2007, p.12) ressalta que: Muito embora a população indígena tenha sido dizimada pelos efeitos da colonização antiga e recente, a sua herança genética e, até certo ponto, cultural, estão presentes numa parcela expressiva da população amazônica atual.

No cenário do povo ribeirinho, encontramos as comunidades que o compõem. De acordo com Charles Wagley (1988) : a visão do termo *comunidade* nos faz ter a ideia de um espaço onde as atividades e direitos são comuns, os bens e heranças partilhadas entre os seus habitantes , mas têm exatamente essa conotação na realidade . Esse panorama decorre em virtude da visão circundante de uma capela de barro, a sede de danças e reuniões, a escola, o campo de futebol e as casas dos moradores , cuja finalidade é compor o cenário das festividades que se afiguram em quase todos os vilarejos amazônidas do Baixo Amazonas e de todo o imaginário contido. Em sua lenta viagem descendo o rio Amazonas, o antropólogo Wagley (1988) observando os ribeirinhos e os processos de criação das comunidades , afirmava que:

> "Por toda as partes vivem em comunidades, em bandos, em aldeias, em núcleos agrícolas, nas pequenas e nas grandes cidades. Nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo e nela, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de cultura." Wagley (1988, p. 43)

O recorte descreve as relações humanas da maioria das comunidades amazônicas, com hábitos, costumes e compreensão da realidade, refletido em um *modus vivendis* sistematizado pela cultura, clima, solo, agricultura observado pelo antropólogo há muitas

décadas. Entratanto, se observarmos o comportamento do ribeirinho atual entedemos que continua pautado em um determinismo geográfico, resultado de um estilo de vida cíclico, ou seja, a chegada da chuva e do sol; da cheia e da seca são fatores determinantes para as ações de plantio e colheita, caça, pesca, assim como outros comportamentos caracteristicos. Parte desse comportamento envolve aspectos sociais e econômicos como por exemplo, o labor dos filhos tende a ser o mesmo dos pais, assim como a conduta das mulheres mais novas, em relação ao papel profissional ou doméstico.

Sobre o modo de vida e desenvolvimento do homem ribeirinho, Wagley(1988) afirmava que o fator humano representa somente um dos que integram a cultura e o sistema social do homem amazônico. Wagley (1988, p. 38) Concordamos com o estudioso na importância que esse homem adquira domínio de tecnologias e máquinas que aprimorem conhecimento e técnicas para enfrentar as ameaças e riscos do ambiente que se espraiam. Essas possibilidades seriam uma maneira de amenizar, o que autor chama de "empecilho" para o crescimento e desenvolvimento desse povo, ou seja, a pobreza. Em nosso entendimento, os recursos mesmos insuficientes, despontam como elementos positivos nesse processo. Atualmente, ainda se observam técnicas agrícolas antigas, herdadas dos indígenas, como a queimada e a derrubada de árvores. Entretanto, no atual cenário, essas atitudes não mais representam interesses do homem simples, que cultiva o solo para o plantio com uma finalidade de subsistência, mas denunciam problemas de enormes proporções e envolvem políticas públicas bastante complexas.

A comunidade Santa Rita de Cássia originou-se de vários grupos indígenas pretéritos que habitaram a região, comprovados a partir dos vestígios arqueológicos encontrados no solo, nos quintais, nas escavações para qualquer construção. Esses vestígios serviram para estudos posteriores e foram catalogados como de alguns grupos étnicos conhecidos. O surgimento da comunidade se deu a partir da presença de algumas famílias que se instalaram ao longo do período, desta forma, esse fato forçou sua instalação e registro.

A comunidade possui um histórico de importância diante de outras localidades por se encontrar entre a divisa do Amazonas com o estado do Pará e conter registros valiosos de períodos históricos da região. A comunidade se sobressai por extensão e organização, uma vez que representa um polo das comunidades. Nela encontram-se localizados a escola, o posto de saúde, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a Sede Social, igreja, o campo de futebol, o cemitério e o telefone

comunitário ((LIMA, 2013, p. 6). A presença do sítio identificado por AM-PT-01, descrito por (HILBERT e HILBERT, 1975) traz bastante visibilidade à mesma. Segundo os dados obtidos, a comunidade possui cerca de 78 famílias assentadas, que moram em casas de madeira e alvenaria, simples, feitas pelos próprios moradores, de poucos cômodos, na maioria das vezes, abriga famílias numerosas.

As cinco comunidades da região da Valéria possuem relações entre si e devido ao paisagismo natural e cultural, tornou- se atrativo para o desenvolvimento do turismo nacional e internacional em razáo de duas delas possuirem dois sitios arqueologicos AM-PT-01, em Santa Rita de Cássia e AM-PT-02 em São Paulo. Com a chegada de navios turísticos, jovens, mulheres e homens, de diversas idades, envolvem-se nas atividades artesanais planejadas para a recepção dos mesmos. Trata-se do momento em que os moradores aproveitam para comercializar seus artefatos, realizar atividades voltadas ao fortalecimento do turismo ecológico, enaltecendo o patrimônio arqueológico e a cultura local, além de oferecer forma de desenvolvimento econômico e integração entre as comunidades.

Imagem 5 . Escola Municipal Marcelino Henrique- Santa Rita de Cássia

Fonte : Rosangela Telma – pesquisadora (2021)

Imagem 6. Centro comunitário da comunidade

Fonte: Pesquisadora Rosangela Telma (2021)

A referida comunidade foi escolhida para ser o *locus* desta pesquisa pela importância e afinidade da pesquisadora com suas atividades de extensão realizadas nessa localidade no ano de 2018, sobressaindo-se como um importante tema para uma pesquisa científica mais aprofundada, em que pudesse ser conhecida a comunidade de maneira mais concreta, em relação ao que oferece aos moradores e ao significado para a construção de sua memória social. Essa importância para a pesquisadora se reflete essencialmente em desvelar sobre o que já foi pesquisado e o que foi modificado a partir disso.

1.1. A divisão social do trabalho e o *modus vivendi* da comunidade

Sobre a divisão social do trabalho, Wagley(1988) afirma que: “ É a cultura que determina os fins para quais os homens de uma determinada área fazem uso de sua técnica e é o sistema social que determina a organização do trabalho e a distribuição dos produtos desde trabalho.” (WAGLEY, 1988, p.38)

Partimos desse princípio de organização social para analisar a vida produtiva do comunitário de Santa Rita, enfatizando que obedece ao resultado determinado por um sistema que perdura por muitos anos, forçando o produtor a perpetuar um modelo econômico dependente de ações que imbrincadas nas políticas públicas locais parecem

cauterizadas, uma vez que representa pouco avanço para a comunidade. Hirata (2007,p.2) ilustra sobre o termo afirmando:

> O termo “divisão sexual do trabalho” aplica-se na França a duas acepções de conteúdos distintos. Trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.

Ressaltamos aqui a questao de divisão de trabalho, sobretudo em nenhum momento se acentua sobre importancia de gênero A ou B, mas que socialmente é visivel. Em nossas observações, ressaltamos que a comunidade recebe os turistas desde o ano de 1970 e sua organização social parece ter sofrido pouca alteração, uma vez que a visitação de sua área faz parte do catálogo de visitas da SECTUR- Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, duas vezes por ano. Durante o ano de 2020, as visitações foram suspensas devido a Pandemia do Corona Vírus, tendo retorno previsto somente para o mês de novembro de 2021. Sobre um local adequado do que se encontra ao longo do sitio, o morador que tambem é o Diretor da escola local apontou que:

> A gente ainda não tem um local adequado pra guardar, por isso pedi que colocassem em uma caixa pra guardar o que estava espalhado, para que não se perdesse, mas sempre tiram por aqui. Um dia desses, eu vi aquele monte de gente aglomerado, fui ver, cheguei lá e já estavam no final, tirando uma panela, quase inteira, tendo quebrado somente um pedacinho da alça e tiraram quase intacta. (E. S. Diretor da Escola Marcelino Henrique, pesquisa de campo, agosto de 2020)

Observamos que a comunidade se organiza para esse evento, mas parece pouco desenvolvida no sentido de avanços sistemáticos, ou seja, não apresenta estrutura suficiente para que seja realmente tomada como um elemento de força para a localidade, uma vez que ainda não possuem sequer um local adequado para arquivar ou resguardar o que se encontra no solo. Não desejamos acentuar graves problemas, mas expressar um dado importante, uma vez que a presença de estrangeiros e o fluxo de acontecimentos atípicos fazem da comunidade um local bastante visível, porém carente de investimentos que façam aquele povo mais autônomo e fortalecido economicamente.

A atividade agrícola se destaca como uma importante forma de geração de renda para os comunitários. Os produtos comercializáveis são produzidos na própria comunidade e revendidos na sede do munípio, na feira do produtor e também durante a visitação dos turistas que são atraídos pelas paisagens naturais e o desejo de conhecer os

sitios arqueológicos que lá são conhecidos. A participação da comunidade nas feiras de fim semana na sede do município representa uma ponte de escoamento da produção importante, tanto no que concerne ao artesanato quanto aos produtos produzidos a partir da mandioca, frutos, artesanato, entre outros insumos.

O turismo se destaca na região como forte elemento de interação da cultura comunitária e do modo de vida do povo que habita esse lugar. Na tentativa de dirimir o impacto dos problemas inerentes ao turismo tradicional, foi desenvolvido na região o TBC- Turismo Comunitário de Base, modalidade de gestão cuja finalidade não se baseia somente na paisagem, mas insere partícipes de todo o cenário, fortalecendo a interação com outras culturas, visando a qualidade de vida e valorização da história e do patrimônio local. A pesquisadora Naia Guerreiro Dias (2020) descreve essa modalidade como:

> O TBC é uma prática do turismo que possibilita a valorização dos recursos específicos de um lugar, tanto naturais como culturais, estabelecendo relações de comunicação e informação com diferentes sujeitos envolvidos nas atividades, sejam eles externos, internos e os visitantes. Promove aos turistas a interação com o modo de vida do lugar, com as famílias residentes e com a cultura local. (DIAS, 2020, p. 102)

Sabemos que o conceito de Turismo de Base Comunitária ou solidária é propício para comunidades tradicionais, uma vez que tem como visão, desenvolver um formato de preservação de valores societais importantes para o além de enaltecimento da cultura local, assim como a interação desta com outros povos, promovendo a sustentabilidade de seus recursos naturais, promovendo a socialização de valores e patrimônio linguístico, o que ressaltamos na última sessão deste trabalho, uma vez que existe dentre os turistas e os comunitários uma forma particular de comunicação, uma vez que o caboclo[1] não domina os idiomas que se apresentam ou que se necessita durante as visitas.

O TBC não tem como foco a empresa turística e a geração de renda, mas a promoção de uma consciência ambiental responsável. O turista dessa modalidade tem ciência que não encontrará sofisticação ou luxo nos produtos ou lugares oferecidos , ou seja, durante o trajeto planejado vislumbrada a riqueza da cultura de um povo ribeirinho espraiada no exotismo da região, no caso da comunidade de Santa Rita será apresentada

[1] Rodrigues (2006) utiliza o termo caboclo para designar uma categoria de alteridade, não é um ser, ou uma essência , mas uma categoria de representações.

uma região que possui valor patrimonial alicerçado em vestígios arqueológicos, a beleza da paisagem confrontada com o valor histórico e patrimonial da região. Acerca disso, dialogamos com Maldonado (2009) que defende ideia do turismo comunitário, afirmando:

> Estabelecer a natureza de "a comunidade" implica definir os principios, valores, normas e instituições que regem a forma de organização e convivência de um determinado grupo humano, que por sua vez os diferencia de outros atores da sociedade. O seu objetivo final é assegurar o bem- estar comum e garantir a sobrevivência de seus membros, preservando sua própria identidade cultural." Maldonado (2009, p. 31)

Esse formato traz à comunidade de Santa Rita um recurso de desenvolvimento sustentável a partir do turismo, cujo ideal fortalece a identidade local. As comunidades se relacionam intrisecamente umas com as outras a fim de organização das atividades artísticas. Verificamos que a comunidade de Santa Rita evoluiu no momento que suas manisfestações culturais conectaram-se ao desenvolvimento turístico, baseado na notoriedade que os elementos de cunho turístico valorizaram os saberes e fazeres da comunidade. Os saberes artísticos artesanais, ao que se observa, tiveram inspiração influenciadas pelos vestígios arqueológicos encontrados no local, alavancaram projetos e demandas de venda e exportação, assim como deram visibilidade à região e ao crescimento local.

Esse fato trouxe à comunidade um novo contexto, de desenvolvimento e adesão de elementos novos à cultura local, como a linguagem, costumes, projetos desenvolvidos por universidades, empresas de turismo , engajamento de entidades, entre outros. A execução de projetos acadêmicos forneceram aos comunitários um sentimento de pertencimento ao patrimônio local, pois a partir do conhecimento do valor histórico-cultural da região, os moradores passaram a perceber-se protagonistas de sua realidade.

Figura 7. Artesão na região da Valéria.

Fonte: Pesquisadora Rosangela Telma (2021)

A figura 5 acima retrata o trabalho de um artesão, observando que tratam-se de pessoas que projetam suas atividades artísticas para algo que deve ter um alcance maior, pois os comunitários de Santa Rita possuem outras atividades laborais, como agrícolas ou pastoris. Em nossa análise sobre a divisão social do trabalho, não podemos desconsiderar o fator econômico , em que pese a necessidade de trabalhar com o artesanato como uma segunda fonte de renda ou até mesmo como renda principal. Sabemos que os homens da comunidade, além de trabalharem em suas lavouras e atribuições diárias, como caça, pesca, aprenderam a produzir peças artesanais a fim de que sejam comercializadas durante as visitas dos navios transatlânticos, nas visitações programadas durante o ano.

Figura 8. Mulher artesã da região da Valéria

Fonte: imagem retirada da internet (2016)

A artesã da comunidade não é somente a figura feminina nos trabalhos artesanais da comunidade, é uma representação da força feminina e da construção sócio-histórica protagonizada por ela, pois seus trabalhos inspirando-se nos artefatos arqueológicos resultam em novos objetos em cerâmica. Elas retiram da natureza a matéria-prima como barro, sementes, palha de inajá, caroços, entre outros. Esses artefatos servem para a confecçao de bolsas, tapetes, colares, brincos, tupé, tipiti, peneira, vasilhas de cerâmicas.

Essa atividade insere a figura feminina no mundo do trabalho e na organização social da comunidade de Santa Rita e tem trazido um sentido muito forte à luta em fortalecimento de sua identidade e da afirmação de seu espaço e representatividade da própria comunidade. A mulher também vem assumindo um papel importante na organização social local, tanto no provento de renda em suas famílias, quanto ao incentivo de outras mulheres mais jovens ao conhecimento de técnicas empreendedoras e de combate à miséria.

Seu papel na organização da comunidade e de assuntos relevantes para a implementação de melhorias da localidade e qualidade de vida também tem sido marcado por uma participação mais efetiva. Hirata (2007,p.5) : “Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher).”

Esse principio na divisão de trabalho nessa comunidade se constrói concomitante às mudanças idiossincráticas no contexto nacional e internacional, não diferente de outras realidades no que tange à figura feminina relacionada ao estereótipo da mulher e das relações em que seu papel se expande, ou seja, além de cumprir o papel de mãe, dona de casa, esposa, ela auxilia na tarefa de prover a família. Essa luta ainda é desigual, pois para a mulher torna-se uma árdua tarefa, sem reconhecimento garantido. Essa desigualdade gera tensão em questão do trabalho redobrado e a responsabilidade da maternidade, além de outras. Nesse sentido, Miguel (2014, p. 15) ressalta sobre a desigualdade presente entre homens e mulheres:

> A desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas. Na maior parte de história, essa desigualdade não foi assumido como um reflexo da natureza

> diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e o progresso da espécie.

Analisando o estilo de vida da mulher ribeirinha contrastando com a realidade atual da mulher em outras sociedades não é diferente, pois da mesma forma que existe o mecanismo que a insere nesse processo de transformação social, se constrói um modelo simbólico, fechando alguns ciclos comportamentais de mulheres que se mantiveram por muitas décadas em papéis que a estigmatizavam como coadjuvantes na função maternal, provedora das tarefas domésticas e menos complexas, assim como a educação dos filhos. Na atualidade, essa mulher participa de maneira ativa e relevante de decisões de cunho histórico-social, como liderança em organizações comunitárias, e em defesa de assuntos que tangenciam as necessidades coletivas, como projetos ambientais e de cunho comercial.

1.2. As transformações idiossincráticas na região da Serra em Parintins

É importante ressaltar que todas as pesquisas realizadas nesta comunidade, assim como a interação desta com povos de diferentes lugares, até mesmo estrangeiras, foram importantes para a promoção de novos comportamentos, também a introdução de valores que de maneira exógena se incorporam ao cotidiano deste povo, dado que em nosso entendimento é constatação, fato inegável, uma vez que o homem disposto a determinados comportamentos e situações se predispõem. Podemos citar a maneira como se preparam para apresentação de sua cultura aos estrangeiros, fortalecendo a etnia indígena ou explorando suas riquezas naturais, flora e fauna. De maneira igual, os vestígios arqueológicos retratam a marca de povos pretéritos, seu manejo na agricultura, dos modos de trabalho, de pesca, caça linguagem, relações de poder, etc. Carlos Beni (2019)

> "Ao se estabelecer um paralelo com o turismo, lembrando que o produto turístico é o resultado da soma de recursos naturais e culturais e serviços produzidos por uma pluralidade de empresas, algumas das quais operam a transformação , algumas das quais operam a transformação da matéria- prima em produto acabado, enquanto outras oferecem seus bens e serviços já existentes [...] BENI, (2019, p. 10)

Acerca das transformações ocorridas na comunidade, observamos que se trata de um povo que, ao longo do tempo, acompanha a dinamicidade de suas tradições, demonstradas em projetos que visam conservar o meio ambiente, o patrimônio

arqueológico. A comunidade avança em suas atividades de cunho turístico, fazendo uso dos conhecimentos apreendidos sobre o patrimônio encontrado na comunidade, como promovendo ações que fortalecem sua visibilidade diante de outras comunidades ao redor da sede do município.

Observamos que a presença de pesquisadores foi muito importante para a construção do reconhecimento acerca da riqueza arqueológica presente, assim como uma nova postura por parte dos comunitários que passaram a valorizar mais o que possuem. Outro dado importante verificado foi a reação positiva para o enfrentamento das dificuldades econômicas ou de subdesenvolvimento, aprendendo com o artesanato, focalizando o turismo como um elemento de força.

Quanto às relações de poder e políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da região, observamos que a mesma avança dentro do que se referem às comunidades ribeirinhas no município. A comunidade de Santa Rita, por sua localização faz parte de um complexo de comunidades que utiliza o turismo como um dos seus elementos centrais, projetado com o objetivo de desenvolver a economia da região, mas o foco principal deve ser o aspecto sociocultural, conservando a paisagem natural e a cultura local como patrimônio inafiançável.

Dentro desse viés não se admite compreender o turismo como uma atividade fim para o desenvolvimento econômico, pois a preservação da cultura e das tradições deveria ser o fim de todas as rotas, a fim de conservar os traços do homem amazônida, apesar de que esse homem deve estar atento ao progresso, aos fatores que alavancam melhorias à comunidade e aquele povo, precisa manter preservar suas origens, seus valores simbólicos , assim como tudo que permeia sua identidade. Beni (2019, p. 16) acentua que :

> "O homem moderno, mergulhado em uma cultura que não lhe pertence, que tem acessa a meios de comunicação tecnicamente perfeitos, mas não se sabe comunicar consigo mesmo e com os outros; que no verão se refresca com ar-condicionado e no inverno se bronzeia com raios ultravioletas, possui uma mente que resiste a essa nova escravidão e anseia pela antiga liberdade e seu domínio da natureza. Beni (2019, p. 16)

O autor enfatiza que o turismo eficiente é um meio para promover a difusão de informação sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais. Desta forma, o turismo desenvolvido na comunidade de Santa Rita de Cássia é

um elemento de interação deste povo com o resto do mundo, ou seja, as pessoas que chegam até a comunidade representam condutores de cultura, riquezas simbólicas que são trazidas sempre de maneira a ser acolhidas por aquele povo, podem permanecer ou simplesmente serem vistas por eles e não serem aceitas. Não podemos esquecer que o homem ribeirinho aprecia de maneira inebriada os comportamentos e hábitos de outros povos, isso caracteriza de forma incisiva sua cultura, mas agrava alguns fatores que despertam prejuízos àquele chão, àquela gente.

Dessa forma, essa interação traz ao meio ribeirinho transformações idiossincráticas que muitas vezes não são muito bem entendidas ou traduzidas pelos seus pares ou pela coletividade. Trata-se de tratos comportamentais, que envolvem conflito entre os valores societais, o que provoca nestes um desvalor ao que lhes pertence e supervalorizar o estranho, o estrangeiro.

Convém lembrar que essa postura de supervalorização da cultura externa retrata o que Canclini (2008) afirma que:

> Mesmo nos países em que o discurso oficial adota a noção antropológica de cultura, aquela que confere legitimidade a todas as formas de organizar e simbolizar a vida social, existe uma hierarquia dos capitais culturais, a arte vale mais que o artesanato, a medicina científica mais que a popular, a cultura escrita mais que transmitida oralmente. Canclini (2008, p. 194)

O pensamento de Canclini denota o comportamento de culturas de povos tradicionais das regiões amazônicas que eram interpretados a partir do olhar do continente vencedor, ou seja, onde as regras de comportamento, culturais e fatores econômicos determinavam quem detinha o poder e o espaço. O autor segue falando sobre o patrimônio cultural afirmando que: “ ainda que o patrimônio sirva para unificar cada nação , as desigualdades em sua formação e apropriação exigem estudá-la também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos.” Canclini (2008, p. 195)

A partir do pensamento dos diversos autores expostos nesta sessão no que tange às transformações ocorridas na comunidade de Santa Rita de Cássia, na Serra da Valéria, podemos interpretar como flutuações possíveis, vivenciados numa comunidade que ainda não possui um crescimento sustentável de suas áreas e recursos naturais, pois assim como a presença do turista traz certo benefício, com ele chegam as nuances da modernidade, ou seja, carece da aplicação e projeção de políticas públicas que norteiem os problemas daquela região quanto aos problemas da preservação do meio ambiente, da conservação

do patrimônio cultural, o que fortaleceria o sentimento de pertencimento. A ausência de políticas públicas que assumam os problemas ou que envolvam a problemática do turismo sexual, tráficos de animais, ou questão ambiental, a inserção de valores que arranhem a cultura do homem ribeirinho, uma vez que esse homem não está exatamente firmado em suas relações com a região e a etnia ou grupo social, Lima (2013) em seu estudo sobre a comunidade e um possivel tráfico de animais descartou a possibilidade e verificou não haver essa problemática.

Observa-se o comportamento do comunitário como um indivíduo que se condiciona pela história de seus ancestrais, além de sua visão futura acerca de melhorias de vida, no sentido coletivo e individual.

O tipo de turismo desenvolvido na comunidade, apesar de basear-se no TBC-Turismo de Base Comunitária tem sofrido a influências diretas da presença do estrangeiro, do estranho, que muitas vezes deixa mais do que leva. Isso dá-se por tratar-se do contato do caboclo, cuja vulnerabilidade se comprova pela formação intectual, onde seriam incutidas as estruturas necessárias para a compreensão de sua realidade quanto aos problemas vivenciados pelas comunidades amazônidas. Observa-se que há muito ainda a se conquistar quanto ao desenvolvimento de políticas que promovam ações reais de crescimento, que não se pautem em atitudes alienantes e sem resultados que deem visibilidade às mesmas.

Quanto aos comportamentos e transformações do *habitus* observado na comunidade apresenta reações palpáveis em diversos aspectos, pois como muitas localidades sofrem a influência do externo, o que demonstra certo desenvolvimento quanto aos avanços tecnológicos, pois a comunidade possui recursos dispostos a integração com outras partes do mundo, mesmo sendo ainda mínimo, uma vez que se trata de uma localidade bastante visitada durante um tempo relevante. A entrada de estrangeiros na comunidade promovem mudanças e transformações no que se refere às influências deixadas por essas pessoas, assim como seus comportamentos, linguagens e modos de visão do mundo .

> O desenvolvimento endógeno do turismo se apresenta como uma tradicional ou clássica vertente de análise nos estudos turísticos, ao trazer um enfoque de valorização de importantes fatores que compõem a massa crítica da oferta turística, como a identidade cultural, a preservação ambiental e a geração de

> renda com base na participação local de diferentes atores sociais. (Senhora, 2014, p. 8)

Senhora (2014) enfatiza que a dificuldade que o homem ribeirinho encontra em filtrar influência trazida pelo estrangeiro torna-se num elemento parte um processo idiossincrático para o mesmo. A questão de culturas diferentes atua diretamente no cerne de sua relação com a preservação ambiental e a geração de renda e este último vem apresentando uma nova forma de visão quanto ao crescimento da comunidade e suas atividades voltadas ao crescimento pessoal e coletivo. Essas mudanças são apresentadas no meio das pessoas mais jovens e crianças, uma vez que as informações novas são prodigiosas .

1.3. A memória individual, coletiva e social: diferenças e aproximações

A comunidade de Santa Rita é a maior da região e se que se destaca pela presença do sítio identificado por AM-PT-01, descrito por (HILBERT e HILBERT, 1975), como sítio de terra preta de índio, resultante da alta densidade de material orgânico e outros elementos no lugar, fazendo-os acreditar que seria próprio para o desenvolvimento e produção agricola, importante para o local. Neles foram encontrados os artefatos de cerâmica pertencentes a três tradições: i) tradição Incisa e Ponteado, conhecida como Konduri; ii) a tradição Borda Incisa da qual a fase Paredão faz parte (Séc.VII e XI d.C.); iii) Fase Açutuba (Iranduba) que se assemelham as cerâmicas antigas dos sítios Pocó e Boa Vista, dos rios Trombetas e Nhamundá, no Baixo Amazonas (HILBERT e HILBERT, 1975; LIMA et al., 2013).

Em vista da presença dos sítios, os pesquisadores apontam para o que foi achado na região:

> Milhares de fragmentos, bem como muitos vasos inteiros, afloram na superfície da comunidade após cada chuva, seja nos quintais das casas, seja nas vias públicas. Assim sendo, a arqueologia está presente de maneira muito marcante no cotidiano dessas pessoas, que, à sua maneira, sempre deram significação a esses objetos. (HILBERT e HILBERT, 1975; LIMA et al., 2013)

Destacamos o termo Boca da Valéria, onde Boca significa geograficamente o que dá acesso a lugares maiores como lagos ou rios, no caso (FONSECA, 2010). Na região da Valéria representa a entrada de acesso para o Rio Amazonas e se constitui como um lugar de figuração simbólica para o morador, pois se trata de lugar onde o mais antigos

presenciaram a existência de seres mitológicos e aparecimento de visagens e lendas locais e também onde a comunidade é acessada ao mundo. Do ponto de vista da comunidade é a porta de entrada de possibilidades para a gente da serra.

Esse imaginário contado pelos mais velhos, com o intuito de deixar os registros ancestrais na memória dos mais novos e assim preservar alguns elementos culturais importantes e representativos daquele povo. Isso se dá quanto aos seres imaginários, os mantenedores dos rios, das florestas, as chamadas visagens[2] que ilustram o universo dos povos ribeirinhos [3]e emolduram fatos e acontecimentos da memória social. (BOSI, 1994, p. 48), sobre memória diz que:

> O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória- hábito, memória dos mecanismos motores. De outro
>
> lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p. 48, 1994)

Desta forma, explicitamos que os vestígios encontrados na comunidade Santa Rita tendem a retratar marcas deixadas por um povo que se constituiu numa cultura construída e evoluída, a prova disso são os desenhos encontrados nas vasilhas e fragmentos, o que demonstram as pesquisas recentes. Interpreta-se, portanto, que os moradores mais antigos foram deixando suas marcas e registros, e a população que lá se encontra foi evoluindo em suas maneiras de ser, o que Bourdieu (1983) conceitua por habitus, ou seja, aderindo a novos costumes e forma de saberes, apresentando certa inclinação a mudanças. Conforme o que Bourdieu cita:

> "Cada agente, quer saiba ou não, quer queira ou não é produtor e reprodutor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um modus operandi do qual ele não é produtor e do qual ele não possui domínio consciente; as ações encerram pois, uma intenção objetiva." (BOURDIEU, 1983, p.15)

---

[3] Neves(2009) na situação social, ribeirinho é uma categoria mais política que econômica (...) corresponde ao agente político.

Os saberes tradicionais difundidos no meio ribeirinho tendem a reberverar os costumes indígenas, embora se observe que os mais novos neguem tal afirmação. Tendo inúmeras razões de não as aceitarem ou negarem. Por conseguinte, interpretamos que é inevitável, uma vez que o indivíduo não se constrói numa ilha, se consolida num ambiente interativo. Sobre essa relação de aprendizado, Douglas (2004), afirma que: " o conhecimento nunca é uma questão de aprendizado do indivíduo solitário sobre uma realidade exterior. Os indivíduos interagindo impõem suas construçoes à realidade: o mundo é socialmente construído". (DOUGLAS, 2004, p. 110)

Portanto, nosso entendimento é que a cultura sofre as modificações dentro de uma dinâmica que consolida a identidade de um povo, não há como dela escapar, mas essas transformações são importantes para fortalecer ou enfraquecer a identidade de um povo.

Essas atitudes em comunidades ribeirinhas somam-se às mudanças e transformações culturais, resultantes de elementos que se agregam no caso da comunidade Santa Rita, na Valéria, alguns fatores a diferenciam de forma mais relevante. O fato de se constituir como uma área turística, tendo em vista, os sítios arqueológicos e o paisagismo natural, torna-se de geração de riqueza, trabalho e melhoria da vida local, proporcionando desenvolvimento, com resultados positivos e relevantes, porém não se deve desconsiderar os problemas que decorrem, em diversos âmbitos, no que concerne à adoção de novas posturas e comportamentos, modificando paulatinamente alternando transformações culturais. Os estudos de William de Souza Barreto (2017) citando o pesquisador Reginaldo Santos Gonçalves (2007), apontam para os problemas detectados na área em relação ao turismo, que em nossa interpretação interferem diretamente na cultura local e comportamental do morador da Valéria:

> "No caso da comercialização do souvenir cultural da região da Valéria, foi constatado, além do comércio informal e ilegal realizado pelos comunitários ribeirinhos, o que surpreendeu na pesquisa, a participação direta por parte do poder público municipal, na promoção e no incentivo de tal comércio." (BARRETO, 2017, p. 14)

Parece claro que a questão turística na região apresenta dificuldades de implementação, primeiramente a um problema que será trabalhado na sessão II deste trabalho, quanto ao papel do poder público na implementação do turismo na comunidade, mas podemos verificar no que tange ao uso dos artefatos que ainda restam dos vestígios, as caretinhas, que segundo (DIAS; TORRES 2018, p. 5) explicitam o termo utilizado

pelos moradores para identificar os pedaços de vasilhas, vasos, baldes, cacos encontrados nos quintais , no sítio de Santa Rita, são comercializadas sem muitos critérios, pois para os moradores não trata-se de algo que não se possa ser comercializado, seu valor histórico, o que não foi reconhecido em princípio . Para eles, o valor material é algo que se atribui valor físico, em qualquer moeda. Não há a consciência de uma cultura patrimonial, capaz de registrar, catalogar e preservar a história da localidade e da população. Notoriamente, interpretamos a visão do povo de maneira muito positiva, uma vez que demonstra uma resistência às situações de pobreza e dificuldades econômicas detectadas na região e encontrando nas atividades estratégia de sobrevivência, isso se entende como fator de crescimento das perspectivas dos moradores.

> O sítio Santa Rita, evidencia que os povos pretéritos que ali habitavam eram numerosos, tinham em processo sociocultural dinâmico e complexo, e precisam ser conhecidos para fortalecer o sentimento de pertencimento por parte de quem reside atualmente no lugar. (DIAS; TORRES, 2018, p. 5)

Observou-se que as comunidades ribeirinhas possuem sua organização social com necessidades de sobrevivência e desenvolvimento. Essas atitudes são refletidas na condução do material encontrado na Serra da Valéria, pois os mesmos são comercializados ou guardados em casa. Sobre o envolvimento do comunitário na prática do artesanato, AZEVEDO FILHO (2013, p. 118) afirma:

> Sobre produção do artesanato, este é um ponto a ser descrito. Todos os artesãos entrevistados foram unânimes em afirmar que não são artesãos necessariamente. São primeiramente pescadores ou agricultores, ou ambos. Durante os demais períodos exercem as diversas atividades conforme a sazonalidade ou a disposição da própria natureza. O período da enchente dos rios da bacia amazônica, na região, reduz a oferta de peixe, o que desloca aqueles que se dedicam à pescaria para as atividades em terra firme como caça coleta e manejo do gado. O manejo do gado é deslocado para terra firme quando as águas baixam e a terra de várzea reaparece o gado retorna.

Verificou-se, portanto, que as atividades laborais dos moradores da comunidade são modificadas em função da produção do artesanato, mas não são atividades principais, funciona como uma renda extra para os que aprendem as técnicas artesanais, dependendo de suas necessidades de produção e demanda, funcionando, portanto como uma estratégia positiva para driblar a falta de oportunidades de trabalho ou geração de renda. Em nossa interpretação, sobressai-se como uma forma inteligente e eficaz no que se refere a trazer

melhoria para o sustento das famílias que se envolvem diretamente e talvez as outras de maneira indireta também.

A partir de denúncias frequentes acerca da comercialização de peças arqueológicas, encaminhada ao IPHAN- Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e PAC- Projeto Amazônia Central (MAE- USP), resultaram numa avaliação dos sítios arqueológicos e do potencial cientifico das áreas visitadas. Em função disso, o Projeto Baixo Amazonas intensificou as ações para melhor entendimento da situação, concentrou suas pesquisas no sítio de Santa Rita (AM-PT-01) entre os anos de 2008 e 2009. Sua principal intencionalidade com a pesquisa era promover a preservação do patrimônio arqueológico e processos socioculturais de produção da diversidade no presente. (LIMA, 2013, p.64).

A comunidade de Santa Rita tem uma história que se entrelaça com as peculiaridades da região, no que tange ao seu povoamento, e ao desenvolvimento e crescimento da comunidade. Observando a comunidade e sua organização em desenvolvimento verificou-se que é a comunidade mais avançada, no sentido de situar as instituições atuantes para o atendimento a prestação de serviços e aquisição de bens, como comércio em geral. Nesse acompanhamento do crescimento, observamos que o povo tende a preservar suas lembranças, desde os anos que antecederam alguns acontecimentos importantes, como saber sobre as primeiras famílias a chegarem e se localizarem naquele lugar, os primeiros líderes, educadores, festividades, como se deu a firmação da comunidade a partir de paróquia, o imaginário criado e estabelecido desse povo com o local, etc. Essa teia que envolve esses elementos dialoga com o que Capra (2003, p. 16), fala acerca do paradigma da Ecologia profunda, onde discorre sobre a interdependência entre os seres vivos:

> A ecologia profunda não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida.

Esse entrelace abordado pelo autor, fala da rede de dependência que cada um possue do outro, isso dentro de manifestações onde o meio ambiente se relaciona com o homem de forma efetiva. É um diálogo com a socioculturalidade local, como a preparação

para a festa da padroeira do local, onde todos se envolvem em apresentaçoes como quadrilhas, danças regionais, pastorinhas. Nesse emaranhado, Dias (2020, p.103) afirma que na memória social da localidade, a Serra tem vida e nela moram muitos seres mitológicos ou sobrenaturais.

Nesse item, cita-se o Juma como uma figura lendária que habita a floresta e permeia a imaginação dos moradores que relatam já terem presenciado sua figura.

Figura 9. Trilha de subida da Serra – Com. Santa Rita de Cássia

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

É portanto, nessa teia que se emaranha a vida da comunidade e seus elementos principais, o homem, a natureza, suas riquezas, seus mitos e figuras que se avultam na história do lugar. Existe uma relação muito interativa entre os moradores e o cotidiano que circunda o lugar,

Assim sendo, verificamos que a memória desse povo foi se entrelaçando, cruzando informações e lembranças, ou seja, constituindo uma rede de elementos que hoje substanciam a memória da comunidade mesclando as pessoas e suas histórias com

crenças e a paisagem natural, ou seja, quanto alguém desconhecido recontá-la serão buscadas as imagens gravadas nas lembranças de quem as narra.

A memória é construída a partir de significados que se amalgamam no cotidiano e se vivenciam dentro de um grupo, nunca adquirem significado individual, destaca-se a fala do pensador francês, (MAFFESOLI, 2001, p.75), em uma entrevista, fez uma cartografia da noção de imaginário e afirma que define como uma relação entre as intimações objetivas e a subjetividade: "O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado- nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual."

Os estudos da professora Jô Gondar (2007) são uma contribuição para esclarecer sobre a memória e sua tríade divisão: memória individual, memória coletiva e memória social. Partindo de um sentido polissêmico, sua interpretação sugere que a memória coletiva nas sociedades sem escrita é como um cantar mítico de tradição e com o aparecimento da escrita um dos fatores fundamentais na transformação coletiva (Gondar, 2008, p.2), o que forneceria aos homens um processo de marcação, estabelecendo assim o registro dos acontecimentos partindo de documentos escritos e visuais, compondo então a memória social.

Le Goff (1990) afirma que "a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas". (LE GOFF, 1990, p.423). Essa ideia nos remete ao processo de construção da memória vivida na comunidade e de seus desdobramentos, que como cita o estudioso, perpassa por aspectos sociais e psicológicos vivenciados dentro da comunidade, onde cada comunitário guarda um dado relevante dentro do processo de construção desses aspectos mnemônicos. O autor defende a ideia de que os registros históricos são resultados do que se constitui verdadeiro aos olhos de que conta e quem registram essas memórias.

Esse é o principal propósito deste trabalho, conhecer e compreender como se constrói a memória social na comunidade Santa Rita de Cássia, assim como os fatos que se registram importantes para o seu desenvolvimento, uma vez que é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e história.

Bosi (1994) esclarece sobre essa questão quando enfatiza que: “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens – lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios.” (BOSI, 1994, p. 53). Entendemos que o pensamento de Bosi acentua a importância de conhecermos as lembranças dos comunitários mais antigos na localidade, assim como os que podem narrar fatos importantes que constituíram a luta da mesma durante todo o processo de fortalecimento da identidade local.

Dessa forma, acreditamos que as lembranças registradas na memória individual deverão ser importantes para serem narradas e transformadas em informações orais e que farão a composição da história escrita da comunidade. Serão relevantes na preservação da identidade comunidade, tanto no que tange aos aspectos arqueológicos, geográficos e socioculturais. Esse entendimento é explicado pelo turismo desenvolvido.

Assim, ressaltamos a representação social cuja trajetória de criação fortalece os comunitários, que se acostumaram a viver naquele lugar. Dessa forma, passaram a respeitar suas histórias, suas lendas, as características dos ambientes, como por exemplo, a elevação da terra, além da presença exuberante da mata, do rio e fauna. A partir de observações, verificamos que a presença dos vestígios arqueológicos para esse povo, mistura-se com as características do lugar, pois fizeram com que despertassem para a importância de valorizar seu patrimônio e ter mais orgulho do pertencimento ao lugar. Nesse contexto, encontramos a produção do artesanato como um elemento das relações de força na comunidade, produzidos por homens e mulheres. Possui um fundamento basilar, que serviu não somente de inspiração para a produção dos artefatos, mas também de matéria-prima para a confecção deles. Seu significado foi construído dentro de um sistema simbólico que envolveu não somente o compreensível, mas a imagem contada e retratada pelos mais velhos e de suas experiências com o patrimônio ali encontrado, ao longo do tempo. Morin (2003, p. 111) enfatiza que “ do ponto de vista biológico, o indivíduo é o produto de um ciclo de reprodução (...) somos, portanto, produtos e produtores ao mesmo tempo.”

Essa representação é realçada pelo entendimento obtido nas imagens relacionadas com o conhecimento acerca do objeto em relação ao significado materializado. Sabemos que a o valor arqueológico para muitos que estão ligados diretamente aos sítios, não tem reconhecimento, nem valor como patrimônio cultural, representado aos mesmos somente

por um peso comercial, mas os estudos atuais apontam para um novo entendimento do que se atribui aos vestígios arqueológicos e na sua representação certamente contribui para a construção da memória social. O pensamento de Morin coaduna com nosso pensamento acerca da cultura que se produz dentro de uma interação social, onde os indivíduos a constroem dentro de um fenômeno social. Canclini (2008, p. 194) contribui afirmando que: "ainda que o patrimônio sirva para unificar cada nação, as desigualdades em sua formação e apropriação exigem estudá-lo também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos."

É justamente essa ideia que nos interessou investigar e compreender, por meio da práxis e do discurso dos que vivem no local. A percepção que tivemos desse elemento é que os moradores não tem real conhecimento do valor histórico dos sítios como elemento de constituição identitária que possuem, no sentido de preservar e registrar, muitos não sabem do que se trata e isso tende a desaparecer totalmente, ao longo dos anos. Morin (2003, p. 111) enfatiza sobre essa interação de indivíduo e natureza na seguinte forma:

> "assim também, quando se considera o fenômeno social, são as interações entre indivíduos que produzem a sociedade: mas a sociedade, com sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os produz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura".

Isso demonstra que na comunidade esse pensamento se materializa numa harmonia na relação homem- natureza, onde o homem utiliza o insumo retirado de forma direta ou subjetiva da natureza e obedece ao ciclo biológico, dando retorno à mesma, dentro da sistemática das áreas amazônicas. É contemplada nesse molde a relação das heranças de seus ancestrais e da cultura que amalgamou com o tempo. Essas tradições tendem a movimentar-se e transformar-se com o tempo.

Nesse contexto, a memória surge como lugar de representação da consciência, do que guardamos de lembranças sobre o espaço e ambiente, objeto ou situação que nos marcou é importante para que possamos valorizar o sentido de significação. O pesquisador Michel Maffesoli, aponta para o sentido de imaginário, como o produto de um conjunto de imagens que constituem a simbologia, quando diz que: " não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. "A imagem não é o suporte, mas o resultado." (MAFFESOLI, 2001, p.75)

Dessa maneira, entendemos que as imagens são elementos que constituem e sedimentam nossa memória e produzem novas figuras inconscientes que envolvem a sensibilidade e o afetivo. Para compreender essa representação simbólica, nas Ciências Sociais, basta imaginar referências internas que temos guardadas em nossa mente e são ativadas, sempre que necessário. Sobre isso, Bosi (1994) afirma:

> "A interpretação social que Halbwachs dá sobre a capacidade de lembrar é radical. Entenda-se que não se trata de apenas de um condicionamento externo de um fenômeno interno, isto é, não se trata de uma justaposição de "quadros sociais" e " imagens evocadas. Mais do que isso, entende-se que já no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada trabalham noções gerais veiculadas pela linguagem, logo de filiação institucional. É graças ao caráter objetivo, transubjetivo, dessas noções gerais que as imagens resistem e se transformam em lembranças. (BOSI, 1994, p. 59)

Interpretamos essa afirmação como as representações individuais que temos do universo a que pertencemos e o qual construímos ao longo de nossa existência. Nessa construção se faz uso de elementos importantes como as pessoas, os objetos e os símbolos que constroem uma teia de simbologias, imprescindíveis para o entendimento da construção da memória social, uma vez que não ocorre de maneira individual ou particular, mas no coletivo, conforme afirma (POLLAK ,1992, p. 201): "a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes."

Portanto, percebemos que o sentido de memória para uma comunidade, são os hábitos, as linguagens, o lado místico revelado nas muitas narrativas sobre o local, sobre pessoas antigas, o ambiente revelado no mistério e nas lendas que fazem daquele lugar um local característico e especial aos seus moradores. As flutuações aqui verificadas são as que transformam, ao longo do tempo, a imagem, revelam mudanças ocorridas, mas a essência permanece no imaginário, Sá (2007), afirma que: "A memória social pode ser vista como um conceito, oriundo de uma antiga psicologia filosófica que se expandiu de modo a abarcar uma quantidade de fenômenos ou mesmo de temáticas ou hipóteses de trabalhos científicos." (SÁ, 2007. p. 201).

Dessa maneira, o conceito de memória e suas implicações no contexto social da comunidade de Santa Rita abordam as lembranças registradas por quem habita essa localidade. Importa-nos desvelar os atores que protagonizam esse processo, assim como os fatos que o circundaram. Entender a percepção que têm da realidade vivenciada nesse chão, também de suas relações no cotidiano. Essa abordagem que faremos sobre a memória abarca os fenômenos psicológicos, o pertencimento e formação da identidade desse povo.

As atividades turísticas da região da Valéria, resultado de uma proposta como o TBC- Turismo de Base Comunitária vêm emergindo de maneira significativa quanto ao fortalecimento da cultura e desenvolvimento regional, pois a partir da frequente presença de estrangeiros, que chegavam nos cruzeiros turísticos traziam aos moradores uma forma de fomentar o comércio de artesanato produzido no local, promovendo o bem estar dos que dispunham de atividades em que podiam aumentar sua renda, além de fortalecer maiores empreendimentos ambientais e melhorias de vida, no que tange à saúde e educação e valorização do patrimônio cultural existente na comunidade. Essas ações são fortemente sedimentadas em alguns ambientes, como a Escola Marcelino Henrique, situada na comunidade, que possui inúmeros projetos didáticos voltados a estreitar a relação da comunidade escolar com o patrimônio.

Percebemos que há uma preocupação de alguns moradores com o futuro da comunidade, ou seja, com a preservação do que se possui hoje, porém não se demonstra interesse em organização suficiente para a manutenção de programas que viabilizem a cultura local e se desenvolva de forma a integrar as comunidades. Apesar da proposta do TBC ser integradora e preservação, observou-se que na região o turismo tem apresentado segregação, pois as outras comunidades que fazem parte da Serra não aceitam o fato de todas as atividades turísticas culturais serem realizadas primeiramente na comunidade de Santa Rita de Cássia, não verificamos em que isso pode favorecer ou beneficiar uma ou outra, porém o que foi verificado com mais ênfase foi o que Barreto (2017, p. 18) apresentou sobre o modo de recepção dos turistas pelos comunitários da Serra, que podem trazem graves inquietações, como ressalta o pesquisador:

> Além das inquietações supracitadas relacionadas com a cultura, podemos destacar outras preocupações de caráter mais geral relacionada com o turismo na comunidade da Valéria, tais como (i) preocupação ambiental (pesca predatória, capturada e aprisionamento de animais para exposições aos turistas, etc) e (ii) sociais, destacando o mais preocupante das questões sociais, o

> intenso comércio do turismo sexual infantil na comunidade. (BARRETO, 2017, p. 18)

Verificamos alguns pontos importantes que devem ser destacados nessa afirmação, no que tange ao turismo e à cultura da comunidade, que ao abordar a questão da suposta ‘‘sujeição” de uma cultura sobre a outra, levanta o problema de apagamento de identidade, de sujeitar-se a uma ilusão para impressionar os turistas estrangeiros na intencionalidade de ganhos materiais, não levando em conta que existe a possibilidade de mostrar o que representa a própria cultura da Serra sem a tentativa de “impressionar “ outrem. Ao nosso entendimento, isso vem contribuir com a construção da memória social, uma vez que ao longo do tempo, as posturas e manifestações podem ir sendo alinhadas a outros padrões diferentes daqueles que foram destinados, além de trazer à população novos valores comportamentais e sociais. Sem falar que modifica paulatinamente o modo de representação da comunidade para quem lá vive, pois, parece que distancia o objeto da causa. O outro ponto importante levantado por Barreto foi a questão ambiental, onde tanto a flora quanto a fauna seria deixada em segundo plano para que fosse satisfeito o desejo dos turistas, tudo isso em troca de pagamento. Essa visão distorce o objetivo do turista que vem com o desejo de ver naturalidade, mas observa que tudo conseguirá se o pagamento for alto. E o último ponto levantado foi a questão dos problemas sociais em relação ao turismo sexual, problema de séria gravidade, que pode ser insuflado durante as visitas e ter desdobramentos e precisam ser validados, uma vez que traria imenso prejuízo a toda a população daquele povo ribeirinho.

Neste sentido, nesta sessão nos referimos à origem da comunidade e seu desenvolvimento, tendo como viés principal a memória e seus elementos constitutivos. Partindo do povo simples que participou de sua criação aos que habitam esse lugar até os dias atuais. Ressaltamos acerca dos elementos que constituem as idiossincrasias nesse processo importante, a fim de que se acompanhem as mudanças positivas ou negativas. Dessa forma, a comunidade é uma representação de possibilidades e opções de aproveitamento de suas forças ativas para que seu desenvolvimento alcance passos exoráveis.

A representação tácita da preservação dos valores é a visão de progresso contida a mente do homem moderno, o ribeirinho que vive e acompanha o desenvolvimento de sua comunidade a partir das mudanças, Belchior (1976) em sua canção ilustrava sobre a

importância de valorizar o passado como algo a preservar a memória e acentuar novas perspectivas na sociedade.

Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem novo
Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer

Nunca mais meu pai falou "she's leaving home"
E meteu o pé na estrada, like a Rolling Stone
Nunca mais eu convidei minha menina
Para correr no meu carro (loucura, chiclete e som)
Nunca mais você saiu à rua em grupo reunido
O dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor, vejo cartaz

No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais
No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais

Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem novo
Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer

Como põe, poeta louco americano
Eu pergunto ao passarinho
Pássaro preto, black bird
Pássaro preto o que se faz?

Heaven never heaven never never never never never heaven
Pássaro preto, black bird
Pássaro preto, me responde
Tudo já ficou atrás
Heaven never heaven never never never never never heaven
Pássaro preto, black bird
Pássaro preto, me responde
O passado nunca mais

Você não sente não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer

E o que há algum tempo era jovem novo
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer
E precisamos todos rejuvenescer yeah yeah yeah yeah yeah yeah
E precisamos rejuvenescer

Fonte: LyricFind

Neste sentido, nesta sessão nos referimos à origem da comunidade e seu desenvolvimento, tendo como viés principal a memória e seus elementos constitutivos. Partindo do povo simples que participou de sua criação aos que habitam esse lugar até os dias atuais. Ressaltamos acerca dos elementos que constituem as idiossincrasias nesse processo importante, a fim de que se acompanhem as mudanças positivas ou negativas. Dessa forma, a comunidade é uma representação de possibilidades e opções de aproveitamento de suas forças ativas para que seu desenvolvimento alcance passos exoráveis.

Considerações sobre a primeira sessão...

No primeiro momento fizemos um retrato inicial da temática desenvolvida durante a pesquisa, assim como a visão geral da comunidade e sua origem, pois cremos ser importante fazer o mapeamento das primeiras impressões dos moradores, de seu *modus vivendi* e da divisão social. Esse conhecimento nos fornece elementos importantes para que posteriormente possamos ter um retrato mais fidedigno das transformações sofridas pela mesma, partindo de uma concepção histórica, observada pela ótica do morador mais antigo e considerando também os mais recentes. Da mesma foram apresentadas as mudanças ocorridas através de algumas variáveis que pincelam com traços mais marcantes a relação sócio-histórica dessa comunidade. Segundo Riccoeur (2007, p.5) "é principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade."

A abordagem sobre a memória neste trabalho será realizada a partir das narrativas de quem vive ou já viveu na comunidade e foi analisado no seu *corpus*, pois poderemos analisá-la de maneira interativa, didática e epistemológica. Foi importante montarmos a cartografia da memória dos moradores para que pudéssemos entender a construção dos registros históricos relevantes a memória social da comunidade Santa Rita de Cássia.

APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA SESSÃO

A segunda sessão dialoga com autores sobre a memória coletiva que se constrói na comunidade usando os vestígios arqueológicos e a percepção que a pessoas tem dessas marcas do seu passado.

Nele poderemos conhecer a representação dos sítios nos trabalhos artesanais, onde os artesãos produzem réplicas e encontram nelas uma forma de garantir renda. Também de forma epistemológica, explora o significado da arqueologia na região e seus espectros nas comunidades amazônicas.

Volta-se a conhecer o *modus vivendi* da comunidade para entender a construção dessa teia social que é tecida no seio da localidade, conhecendo a maneira como vivem é uma forma de registrar a postura de cada um no processo de desenvolvimento e a sua relação com a natureza e como se posiciona acerca da identidade patrimonial.

Esse panorama é posto e analisado a partir de narrativas e confrontadas com material bibliográfico relevante que dentro de um período que configurou essa construção. Tentamos caracterizar de forma mais pontual e objetiva os estudos arqueológicos importantes que foram realizados na área, assim como sua apresentação à comunidade, o que foi arquitetando a memória dessa gente de forma coletiva.

Como ponto importante nesse mapa construído da memória, elaboramos o Estado da Arte, onde foi apresentado as pesquisas relevantes na área e temas que utilizaram esse lócus para a construção do conhecimento a partir do viés cientifico. Essas pesquisas são importantes para mostrar o que já foi vislumbrado e como todo esse material pode servir para a construção desse material de cunho reconhecidamente histórico.

Sessão 2. VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS QUE CONSTROEM A MEMÓRIA DA COMUNIDADE

> A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.
> Friedrich Nietzsche

Conhecendo um pouco mais da riqueza patrimonial da serra...

Subir a serra da Valéria e escalar seu ponto geograficamente mais alto não significa somente conhecer uma região de beleza singular, que vem atraindo turistas de vários lugares desde os anos 70, período em que os navios transatlânticos começaram a visitá-la, mas importa saber de um povo que habita uma área que tem sofrido transformações em sua dimensão territorial e patrimonial, uma vez que dois sítios arqueológicos são localizados na região. Observando sua gente conhecendo suas narrativas, identificamos

que por algum tempo os moradores não sabiam da importância da riqueza arqueológica encontrada no solo desde as primeiras habitações construídas naquela área, foi através dos estudos realizados na comunidade nos últimos anos que os mesmos vem interpretando sua região e importância para o contexto local e regional.

Esta sessão será uma apreciação do que observou acerca da memória que está sendo construída a partir dos vestígios arqueológicos encontrados no solo e da percepção dos que protagonizam a história dessa localidade, uma vez que paulatinamente os costumes e manifestações culturais foram sendo por vários elementos, como por exemplo, as *caretinhas*, conhecidas pelos mesmos, servem como provas materiais de que povos indígenas habitaram a serra e tinham costumes e tradições comuns, representados nos materiais encontrados como: urnas, bacias de cerâmica, vasilhas de barro, entre outros.

Esses resquícios encontrados mostram que esses povos tinham sua identidade e cultura entrelaçadas com os povos tradicionais da Amazônia. Porro (2007, p.11) fala sobre isso:

> A concepção da ausência de registros nativos até os anos 70 do sec. XX. Se falasse em sociedades frias ou sem história. Esta concepção já não se sustenta. Com graus variáveis de recuperação da auto- estima e da consciência étnica, graças especialmente a condições políticas e ideológicas mais favoráveis, diversos grupos indígenas estão redescobrindo e vocalizando conhecimentos, memórias e tradições que antropólogos e historiadores estão agora mais motivados e preparados a entender e interpretar.

2.1 A Arqueologia escrevendo a história patrimonial da comunidade Santa Rita de Cássia , na Valéria

A origem da região amazônica e dos povos ancestrais que a habitaram devem ser analisada a partir de uma ótica estrutural, na qual levamos em conta não somente problemas e dificuldades de cunho climático ou geográfico, mas a partir de clivagem de dados que nos permitam entender o processo de desenvolvimento dessa região, cuja compreensão deu-se pelos diversos estudos arqueológicos que utilizaram a ótica multidisciplinar da geologia, da anatomia estética, zoologia, história da arte, objetivando sedimentar uma ciência que nos permite conhecer a epopéia humana.

Essa dimensão proposta pelas pesquisas iniciais nos mostra uma região ricamente descrita, porém com uma diversidade imensurável de etnias, crenças, culturas desconhecidas e algumas ocultas. O conhecimento desse processo que se deu de forma atemporal e assistemático dimensiona uma história de povos que já possuíam regras e sistemas de vida totalmente organizados, muitas dessas etnias desapareceram e outras foram sendo dizimadas ao longo da chegada de outros povos.

O conhecimento do *modus vivendi* desses povos, assim como o que produziam como instrumentos de caça, pesca, ou instrumentos de agricultura, alimentos, enfim, toda essa trajetória descrita torna-se o ponto inicial e primordial para que possamos ter discernimento da origem do que temos na atualidade.

Na maioria das comunidades atuais existem marcas de antigas civilizações que tornam importante essa origem, pois a partir daí pode-se discorrer da história e do sentimento de pertencimento daqueles que por lá vivem. Nessa tessitura ressalta-se de forma relevante, a valorização identitária como item de reconhecimento das relações de força e poder local, conhecimento do patrimônio material e imaterial, natural, geográfico e cultural. Sua relação com a natureza o ambiente natural e seus pares são articulados para o desenvolvimento dos povos nos rincões ribeirinhos.

O conhecimento de todo este arcabouço forjou a curiosidade de muitos antropólogos e arqueólogos na contemporaneidade, abrindo caminho para que muita história fosse contada, no sentido de trazer mais significado e importância a uma região mesclada a encanto e mistério. Trata-se de perspectivas cientificas importantes acerca dos conhecimentos sobre os grupos étnicos pretéritos e seus modos de vida.

Vários estudiosos debruçaram-se na busca de conhecer mais profundamente a epopeia dessa região, assim como encontrar nos vestígios deixados, marcas para que pudesse delinear importantes registros históricos, fornecendo dados e informações a fim de legitimar suas pesquisas. Segundo a pesquisadora Neide Gondim (2007) a evolução das culturas no tempo e no espaço utiliza-se da cultura material, ou seja a partir dos vestígios que se preservaram através do tempo, analisando os objetos que se fabricavam como as cerâmicas, ou restos de gravuras, que compõem os sítios arqueológicos e seus vestígios, valores étnicos pretéritos são dados imprescindíveis para a compreensão dessas culturas.

As primeiras impressões sobre a importância dos estudos arqueológicos foram feitos por cronistas e naturalistas, sobressaindo-se a contribuição de Peter Ludgren, no século XIX, cujos relatos encontram-se no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Os estudos

arqueológicos no Brasil iniciaram de maneira recente e datados a partir dos anos 60, cuja interpretação abrangeu todo o território nacional.

Essas pesquisas apontam para a chegada do homem no Brasil, entre 13 a 40 mil anos. Gondim (2007) afirma que o homem chegou por volta de 30 mil anos, como comprovam os sítios de pinturas rupestres, representado as cenas locais e a comunicação visual feitas pelos povos usavam o óxido de ferro, o ocre para caracterizar suas vivências, o que era feito nas paredes de cavernas, locais usados para habitações desses povos.

Mais tarde, ressaltam-se as pesquisas que se debruçam sobre os tipos de cerâmica marajoara, tapajônica e mais tarde nas regiões Sul e Sudeste os sambaquis, que tratam-se de tipos de sítios característicos da costa brasileira e representam os vestígios da população que ocupavam o litoral brasileiro. Desde o final do século XIX e inicio do século XX várias expedições comandadas por diversos museus nacionais e internacionais programaram-se para maiores escavações e pesquisas na região amazônica, a fim de localizar novos sítios arqueológicos. As pesquisas mais importantes foram as de Emílio Goeldi e Aureliano Lima Guedes, desenvolveram o processo de divulgação da cerâmica pré-histórica da Bacia Amazônica.

A cerâmica pré- histórica no Brasil até os anos 50, restringia-se a caracterização de aspectos gerais. Os primeiros tipos de cerâmicas no Brasil são:

1. Cerâmica de Maracá
2. Cerâmica Santarém
3. Cerâmica Mirancanguera
4. Cerâmica de Cunani
5. Cerâmica Tupi- guarani
6. Cerâmica de Marajó

Conforme a pesquisa de Alves; Luna; Nascimento (1991), na bacia do Amazonas, poucos vestígios dos grupos denominados pré- ceramistas foram encontrados em razão de vários fatores do meio ambiente e da dificuldade na localização dos sítios por conta da vegetação densa e a escassez de matéria- prima lítica na região.

Segundo Galvão (2000) a Amazônia data de 14 mil anos atrás e apresentava uma área densamente ocupada desde o passado mais remoto, apresentando uma sociodiversidade muito plural, comprovadas pelas terras pretas, ou terras de índios que denunciam os habitantes como os ribeirinhos e quilombolas e indígenas, esses dizimados no período colonial e também pela variedade de línguas faladas.

É importante a afirmação do estudioso quando diz que o mais importante não é descobrir os sítios arqueológicos na Amazônia, mas o que fazer deles, pois representam o cotidiano de povos que lá viveram e se espalharam ao longo de áreas próximas, pois os vestigios encontrados representam as características por cada população indígena.

O complexo de comunidades que compõem a Serra da Valéria pertence ao assentamento da PA Vila Amazônia e foram criadas no dia 26 de outubro de l988 pelo processo de reforma agrária. A formação dos aspectos socioculturais dessas comunidades foi feita por povos indígenas que apresentaram uma dinamicidade em sua sociedade, relacionando-se com o meio ambiente e o homem que por lá se estabeleceu. Este fato é evidenciado pelos artefatos arqueológicos, que são encontrados por toda a extensão do solo, comprovados por vasilhas de cerâmica, urnas funerárias, entre outros.

Na comunidade de Santa Rita de Cássia, na região da Valéria, fronteira com Amazonas com o Pará, está localizado o sítio arqueológico registrado como AM-PT- 01 , AM-PT- 02, localizado na comunidade de São Paulo (HILBERT,1975; SIMÕES e ARAÚJO – COSTA, 1978) têm sido considerados atrativos turísticos e objetos de pesquisas acadêmicas, a fim de desvelar com maior exatidão a origem dos povos pretéritos que habitaram aquela região.

A representação obtida pela Arqueologia tido como ciência que se preocupava com os vestígios deixados por povos que habitaram a Amazônia no sentido de entender o passado dos mesmos até o século XX , tem mudado o foco de estudo e focado para a materialidade da cultura. Dessa forma, os sítios arqueológicos encontrados nessas áreas reforçam a identidade dos povos pretéritos que viveram na região, assim como classificam-se como provas materiais para seus costumes, crenças e suas relações sociais dentro de aspectos diacrônicos . Infelizmente, tem se observado que esses dados têm sido objeto de interesse de uma reduzida parcela de pessoas, ou seja, da comunidade cientifica e de alguns pesquisadores. Segundo o relatório do Baixo Amazonas realizado por Lima e Silva (2005, p. 32-33):

> Os moradores do local guardam uma coleção permanente na Escola Municipal Marcelino Henrique, catalogada, em 2003, por Maria Arminda Mendonça de Souza. A coleção é composta 33 por aproximadamente 410 fragmentos cerâmicos, lâminas de machado e uma urna funerária antropomórfica parcialmente fragmentada. Os vestígios foram catalogados no INCA e a urna foi registrada na ficha de objeto arqueológico. Uma segunda coleção foi catalogada, que está sob a guarda de uma moradora da comunidade. O material

> arqueológico é filiado, em sua maioria, a fase Konduri (Tradição Incisa Ponteada) e, em menor porcentagem, a fase Paredão (Tradição Borda Incisa).

Traduziu-se que há na comunidade o entendimento pela importância do registro e da conservação do que encontra nos sítios arqueológicos localizados na área da serra e isso será importante para mais tarde legitimar a história local.

De acordo com o relatório do IPHAN, produzido em novembro de 2004, a região da Valéria e seus dois sítios arqueológicos localizados nas comunidades de São Paulo e Santa Rita sofriam com a comercialização ilegal, sem nenhuma providência tenha sido tomada a respeito.

Segundo dados do relatório, o sítio arqueológico AM-PT- 01, localizado na comunidade de Santa Rita de Cássia foi descrito como material arqueológico filiado, em sua maioria, a fase Konduri (Tradição Incisa Ponteada) e, em menor porcentagem, a fase Paredão (Tradição Borda Incisa).

> Sítio cerâmico de grande porte, associado à terra preta. Situa-se num topo plano e na encosta da Serra de Valéria, numa área onde atualmente existe a comunidade Santa Rita. O sítio tem como limites naturais o lago de Valéria e um Igarapé, que lhe configuram uma forma triangular, sendo que seu maior eixo tem aproximadamente 850 m, e o menor, em direção ao lago, 160 m.

O sítio arqueológico AM-PT-02, localizado na comunidade de São Paulo foi descrito pelo relatório como um sítio cerâmico associado à terra preta que ocupa um topo plano da Serra de Parintins, aproximadamente 4,5Km de Santa Rita, próximo da desembocadura do lago Valéria, em sua margem direita.

Nesse período, o relatório apontava a comercialização dos vestígios encontrados como uma grave situação de perda do patrimônio ali localizado, uma vez que eram vendidos de forma clara e sem nenhuma orientação aos turistas que aportavam à região. O relatório evidenciava que seria necessário um trabalho de orientação e sensibilização e profundo esclarecimento aos comunitários acerca do valioso patrimônio histórico contido na região.

Segundo narrativa de um morador da comunidade que se identifica como a moradora A, de 67 anos, nascido nesta região :

> Muitas pesquisas já foram feitas aqui na comunidade sobre os objetos encontrados no solo da comunidade e agora já sabemos de que se trata de coisa

> valiosa, pois fomos alertados que se tratava de algo importante sobre a nossa cultura local, por causa disso, a maior parte do material que achamos são entregues à escola Marcelino Henrique para que seja guardado lá e não seja mais perdido ou vendido.

Em nossas observações, verificamos que a postura de não mais comercializar as peças ou fragmentos encontrados no solo realmente se confirma, uma vez que a comunidade, assim como grande parte da região tem servido como lócus para diversos pesquisadores, principalmente das universidades locais e regionais, o que promoveu um conhecimento muito mais amplo acerca da riqueza e valorização do patrimônio cultural da comunidade. Esse dado foi confrontado com as pesquisas feitas e observadas que, ao longo do tempo, os moradores passaram a adquirir a consciência de trata-se de um bem patrimonial e que deve ser preservado, isso certamente, comporá a memória coletiva futura, pois serão os registros da história que perpassou por aquela comunidade e do inicio de sua origem.

Figura 10. Artesão em atividade, na comunidade Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Um dado importante nas observações acerca da comunidade seria que essas pesquisas tendem a trazer melhorias locais, em diversos ambitos, desde o fato de que ressaltam ao morador local o que os mesmos possuem em seu solo, uma riqueza material

valiosa, mas que precisa ser criteriosamente preservada, uma vez que são inúmeras as possibilidades das mesmas se esgotarem, por questões climáticas e da mudança, em detrimento as ameaças violentamente idealizadas pelo próprio homem. A floresta, a potência hídrica e a riqueza do solo são bens materiais indispensáveis para que este homem caboclo possa vive em uma vida com mais qualidade e bem estar.

Figura 11. Comunitária sendo entrevistada em 2021

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

2.2. Estado da Arte: perspectivas na memória de uma região ribeirinha

Nesse espaço, apresentaremos alguns desses trabalhos que são evidenciados pelas informações e dados que em uma escala constante e sequencial tem trazido a esta região mais possibilidade de melhor trato com seus recursos naturais e com suas potencialidades artísticas e culturais.

A Amazônia é uma região que apresenta uma riqueza em detalhes que perpassam a beleza de suas paisagens e riquezas naturais. O desvelamento do cotidiano do povo que habita a região obedece uma trajetória não- linear e nasce primeiramente, a partir de fatos, dentro de períodos que marcaram as fases de luta e formação de identidade do povo amazônida.

É interessante conhecer e compreender a formação desse povo focalizando exclusivamente a memória, como um fator de conforto e valorização da história vivida. Fazendo uma abordagem psicológica ressaltamos que falar de memória oferece ao homem a sensação de gerar reconhecimento e pertencimento àquele lugar e fortalecimento da memória, ou seja, o homem precisa compreender-se nesse processo de evolução, onde as coisas, os fatos mudam, mas os indivíduos continuam as mesmas.

Os projetos que buscam esse entendimento acerca da região Amazônica não se esgotam em desvelar a problemática e conflitos territoriais, mas atentam para acompanhar as transformações que perpassam pela formação deste povo, visando fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade deste povo, com isso, resgatando sua memória individual, coletiva e social. Foi realizada uma busca acerca dessa temática e foram encontrados estudos relevantes acerca dessas temáticas

Ano	**Tese**	**Dissertação**	**artigo**	**Universidade**
2010	-	1	-	UFAM
2013	-	-	2	UFAM
2015	-	1	3	UFAM
2016	1	-	-	UFAM
2018	-	1	-	UFAM
2020	1			UFAM

No ano de 2010, localizamos na Universidade Federal do Amazonas, um trabalho de pesquisa que focalizava o ecoturismo e territorialidade, importante temática a fim de conhecer a realidade da prática turística que tentava se implantar na Boca da Valéria, ressaltando questões de sustentabilidade e o meio ambiente.

Em 2013, localizaram-se dois artigos, também da UFAM, onde se focalizou duas importantes temáticas: o possível “tráfico” de material arqueológico em comunidades ribeirinhas, onde a Valéria foi umas das suspeitas, num trabalho da pesquisadora Helena Pinto Lima e Bruno Marcos, enquanto desenvolviam a disciplina Seminários temático III – Os Dissidentes e a Amazônia, na cidade de Manaus, em novembro de 2007, Teve como temática os parâmetros para a gestão do patrimônio arqueológico amazônico, tratou-se de um projeto desenvolvido em parceria com a Superintendência Estadual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Amazonas.

Em 2015, foram localizados dois artigos produzidos acerca dos sítios arqueológicos e suas contribuições para o fortalecimento da identidade, especificando a comunidade de São Paulo: A constituição da identidade de moradores do sítio arqueológico São Paulo da Valéria/AM e Análises cerâmicas na arqueologia amazônica: contribuições da Amazônia Central a uma longa trajetória de discussões.

Em 2016, verificamos a Dissertação de Mestrado da pesquisadora Naia Maria Guerreiro Dias sob o titulo Sítio arqueológico da região de Valéria/ Am: Educação Patrimonial e Turismo, onde apresentou um trabalho cientifico significativo, com intenção de discutir o patrimônio arqueológico na região da Valéria, especificamente no sítio AM-PT-02, na comunidade de São Paulo. Em 2020, a autora o transforma em e-book, com material revisado e atualizado.

Em 2018, encontramos a Tese de Doutorado de Agnaldo Correa de Souza, intitulada A tradução do turismo na região da Valéria para a emancipação social. A pesquisa tem o objetivo de apresentar discussão e dialogar acerca do turismo de forma mais analítica e suas observâncias sobre a região.

Ainda em 2018, a pesquisadora Naia Dias publicou o artigo intitulado O Patrimônio cultural e representações sociais do turismo em São Paulo, Valéria (AM), focalizando a questão patrimonial como uma riqueza passiva de discussão e entendimento por parte dos comunitários, sua relevância traz à tona aos comunitários mais conhecimento acerca de seus sítios arqueológicos.

Em 2020, a estudiosa Naia Dias publicou sua Tese de Doutorado intitulada Valéria, uma arqueologia ancestral: protagonismo mítico matriarcal na Serra de Parintins, apresentando um trabalho etnográfico ressaltando a importância da mulher no contexto amazônico e traduzido na comunidade de São Paulo na Valéria.

Esses trabalhos apresentados e relevantes na Serra da Valéria por estimularem o fortalecimento do comunitário com o patrimônio arqueológico e também com a importância do desenvolvimento do Turismo, como uma atividade que evidencia a cultura local, além de reforçá-lo como uma atividade econômica sustentável,

Em vista disso, o projeto que ora nos debruçamos vem abarcar todo o caiamaço de conhecimento e registros históricos e sociais para focalizar a questão da memória social, portanto, torna-se uma importante discussão para que se produza material cientifico-acadêmico que alcance os registros da comunidade de Santa Rita da Valéria. Nesse processo, produzimos o artigo intitulado Memória e Identidade: um olhar sobre a Serra da Valéria em Parintins/ AM, que teve como intuito discutir sobre a construção da

memória a partir dos vestígios localizados no sitio arqueológico da comunidade de Santa Rita de Cássia.

2.3. O turismo como fios que constroem a memória coletiva da comunidade Santa Rita de Cássia

Desde o ano de 1970 a Serra da Valéria vem recebendo anualmente a visita de navios transatlânticos, que desejam conhecer a região. Indagado sobre como percebia essa atividade, o entrevistado que chamados de morador A respondeu:

> Os turistas vinham com mais frequência, mas por causa da pandemia estavam canceladas as visitas aqui na serra, quando eles vêm, conhecem as comunidades e ficam passeando por ai, não sei exatamente o que veem, mas gostamos quando eles chegam porque sempre deixam um dinheiro pra gente. (MORADOR A, 60 ANOS, MORADOR DE SANTA RITA, ENTREVISTA REALIZADA EM JULHO DE 2020)

Avaliamos na narrativa do comunitário que o turismo tem sentido de atividade somente destinada a conhecer os lugares e seu exotismo, assim como desenvolver o interesse comercial, não há em suas palavras nenhum vinculo ao sociocultural ou ambiental. Sabemos que a questão da tentativa de estabelecer a modalidade de Turismo de Base Comunitária- TBC, que tem em sua essência e finalidade conhecer a comunidade pelas vozes e reconhecimento de seus próprios moradores é uma estratégia que consta no planejamento da liderança da comunidade. O TBC é descrito atualmente por uma filosofia, um segmento ou um conjunto de princípios onde a comunidade protagoniza sua história e apresenta sua trajetória de produção e vivência.

Nessa modalidade ecoa a beleza natural da região da serra da Valéria, mas principalmente o *modus vivendi* da comunidade Santa Rita de Cássia, o que a torna diferente das outras. Ressaltamos também que nessa modalidade turística, o diálogo com a comunidade se fortalece, assim como sua identidade se firma. Com isso, seria evitada a intromissão de novos conceitos e valores que não somassem aos da própria comunidade, pois ela protagoniza seus costumes, lendas, ritos e suas manifestações artístico-culturais.

Percebemos a necessidade do desenvolvimento do turismo de base nestas comunidades como uma contribuição identitária, onde o individuo reconhece seu *status quo* na sociedade e valoriza sua região e o patrimônio nela contido.

> Sobre a concepção de patrimônio, a comunidade tem sim a ideia do que possui, tanto que as pessoas estavam querendo pedir que metessem asfalto, mas foi colocado que se fosse asfaltado ia ficar enterrado por um bom tempo e a enxurrada não vai mais levar, mas outros disseram que não podia fazer isso

> porque aqui era um local arqueológico, só que assim, na prática, na terra firme, onde se limpa tudo e não se grama a tendência é a terra ir embora pro rio, então a gente vai vendo que os artefatos vão aparecendo e vão ficando por ai e a enxurrada vai levando e chega um momento que a terra preta vai embora toda, porque de certa profundidade, não é mais terra preta, já é massapé. A terra preta só é em cima. Se fosse um grande aterro de terra preta não teria tanto problema. (E. S. Diretor da Escola Marcelino Henrique, pesquisa de campo, agosto de 2020)

Percebe-se que nesse item, ideologicamente, o ribeirinho precisa de orientação e muito aprendizado para conhecimento de sua gênese, assim como a valorização de seu patrimônio natural, não permitindo que sejam exaltados costumes e tradições externas, deixando as suas origens em segundo plano. Pensamos que dessa forma, seriam evitadas várias dificuldades inerentes ao comportamento do homem diante da natureza e de sua condição social.

O tipo de turismo de base ecológica, como também é conhecido o TBC também serviria para a divulgação da comunidade, mostrando a história do lugar, ressaltando sua condição socio-histórica e o desenvolvimento, a partir dela, difundir e traçar estratégias de crescimento da região.

Figura 12. Bacia de barro- sítio arqueológico AM-PT-02

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 13. Vestigios arqueológicos do sítio AM-PT-02

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Outro ponto importante seria a difusão dos valores culturais e saberes tradicionais, o que na interação com a comunidade externa são repassados em forma de diálogo, mostras culturais que de maneira direta ou indireta são expostos aos visitantes, como: comida típica, artefatos produzidos pelos próprios comunitários, mostra de suas lendas, mitos. Seria um importante instrumento para a divulgação de suas forças de crescimento, desde o sitio e sua importância patrimonial, mas também dos elementos que sinalizam o progresso da comunidade, suas necessidades, suas estratégias para o enfrentamento das dificuldades encontradas. Bezerra (2013) apud Machado (2020) , p.188, ressalta que: O desenvolvimento do turismo, por exemplo, tende a promover um olhar para as singularidades das pequenas comunidades, como a produção artesanal que ser reconhecida causa um grande impacto cultural e socioeconômico na sociedade local.

> Eu fico imaginando umas festanças deles... por exemplo, essa ponta de terra aqui há 500 anos atrás, há 600 anos atrás, porque muitos falam que faz pouco tempo ainda tinha muita árvore ou fico imaginado, será que seria um grande cemitério? A razão da terra ser preta assim. . (E. S. Diretor da Escola Marcelino Henrique, pesquisa de campo, agosto de 2020)

Ainda abordando a narrativa do morador A, ressaltamos que devem ser esclarecidos sobre o turismo de massa, cuja pretensão é outra, bastante diferente do turismo que se pauta numa visão ecológica e comunitária, onde a prioridade é conhecer a cultura e diversidade regional daquela localidade, explorando seus nichos ecológicos e também o costume de sua gente. Nesse viés, corre-se o risco da difusão de uma prática voltada

exclusivamente aos lucros, num curto espaço de tempo. Na contramão, temos o Turismo de Base Comunitária que teria muito a acrescentar à comunidade, como detalharemos a seguir. Magalhães (2003) afirma que através da memória e da construção da identidade de um povo, surge o turismo com a perspectiva de preservar a cultura e fazer dela um produto turístico que tem uma demanda especifica.

Primeiramente seria evitar o risco da desculturalização, uma vez que a cultura local é fortalecida em contraste com o saber do povo estrangeiro. Esse benefício traria ao comunitário um sentimento maior de pertencimento ao local, estabelecendo assim uma identidade real, sem vergonha ou constrangimento do que se tem a mostrar. Seria um combate inteligente aos valores herdados de uma história contada pela visão do vencedor. Machado (2020, p. 184) afirma que o patrimônio em sua materialidade e imaterialidade é um bem econômico, que gera emprego e renda para a sociedade.

Também essa discussão traria a comunidade uma nova filosofia de conceber o turismo, acima de tudo, como um elemento de força real ao crescimento da mesma. Na observação feita, verificou-se que as comunidades se preparam para a recepção dos turistas, preparando os artefatos, em forma de uma feira onde os mesmos são expostos e vendidos. Também são apresentadas danças para o entretenimento do turista acerca da manifestação artística indígena, que orquestra a história da comunidade. Dias (2018, p. 6) ressalta que:

> O turismo efetivado apenas como força de mercado pode provocar a teatralização da cultura, a exclusão da comunidade e a seleção de patrimônios escolhidos por meros interesses econômicos, transformando os comunitários dos locais em atores cênicos, performáticos tal e qual seu ambiente e seus costumes.

A estudiosa ressalta que a teatralização da cultura como forma de tornar a atividade turística um elemento puramente mercadológico é perigoso e merece critérios. Pensamos que tornaria interessante e importante ressaltar o *modus vivendi* de forma factual, o que tornaria significativa de maneira concreta ao estrangeiro, pois assim a história seria contada de forma autêntica, expressa pelas experiências vivenciadas na comunidade em contraste com a relevância social, uma vez que a mesma perpassa por alguns acontecimentos históricos relevantes como a Cabanagem. Dessa forma, a comunidade mostraria mais que seu exotismo, seria reforçado aos jovens e crianças da própria comunidade sua origem e os elementos de força para o desenvolvimento, fortalecendo o orgulho de pertencer àquele lugar. Magalhães (2003, p. 7) ressalta que outros elementos são apropriados pelo turismo cultural com a intenção de promover o próprio e a

comunidade local, como: a música, dança, artesanato, gastronomia típica, folclore, agricultura tradicional, manifestações religiosas, a história da comunidade, etc.

Nessa abordagem, faz-se necessário uma adoção de modelo de gestão com base na comunidade local, tecendo as diretrizes que acompanhem o crescimento sociocultural daquela sociedade. A cada evento criado e apresentado ao público externo, traria aos comunitários a construção da memória coletiva, pois fariam parte desse protagonismo crianças, jovens e principalmente os idosos, que certamente guardam na memória bem mais do que expõem diariamente. Segundo Lopes; Simões; Nunes (2020, p.18) a "memória dos lugares atrativos" coloca o turista numa posição de convivência com o diferente e, nesse sentido, o lugar acaba por ser valorizado.

Essa ação estratégica traçada no turismo desenvolvido na comunidade traria equidade social, onde todos os moradores participariam de forma ativa e construtiva para que fossem adotadas medidas de registro histórico de sua comunidade, a fim de que posteriormente fossem facilmente localizadas pelos futuros moradores a base que alicerçou as lutas, diferentes fases que passou a comunidade e também os inúmeros protagonistas que ilustraram essa história e a tornaram relevante, particular, também seria conhecidos seus bens materiais e fortalecidos os imateriais, ou seja, o patrimônio cultural. Dias (2018, p. 12) afirma que:

> (....) para o desenvolvimento de uma localidade ou região requer uma valorização do patrimônio arqueológico por meio de projetos que busquem conservação e exposição de forma controlada e adoção de mecanismos de visitação monitorada.

Observamos que acerca da cooperação entre os participes nos eventos produzidos para a chegada dos turistas, verificou-se de suma importância a valorização da história local, ou seja, os fatos que a enriqueceram, assim como os nomes das pessoas que participaram de forma relevante seria de conhecimento comum a todos os moradores. Em nossa observação seria um trabalho realizado a fim de receber os turistas, mas também um trabalho de conscientização dos moradores da comunidade acerca da recepção dos mesmos, evitando com isso que sua história fosse sendo perdida com o tempo. Com isso, as histórias, as pessoas, os fatos, a cultura local, todo esse cabedal de conhecimento seria divulgado e expandido de maneira abrangente e real. Dias (2018) apud (FUNARI, 2003; PELEGRINE, 2007; GONÇALVES, 2002).

> O turismo é uma das atividades pode vir a ser aliada na proteção de patrimônios culturais, sejam eles materiais ou imateriais, considerando práticas e representações de diferentes grupos sociais, aquilo que os identifica como suas

> atividades de subsistência, folguedos, religiosidade, artesanato, gastronomia, festas típicas, rituais, folclore, música, espaço de sociabilidade, sítios arqueológicos.

O resultado traria benefícios imensuráveis a todos que lá vivem, uma vez que a memória estaria sendo construída de forma paulatina, ressaltando que a memória é dinâmica, se transforma dentro de um cotidiano construído de maneira coletiva, nunca individual, ou seja, mesmo que em algum momento a atividade turística na região seja finita terão seus participes construído e registrado sua memória social, o que será importante para os próximos anos, junto aos mais jovens.

Importante seria citar sobre as parcerias que apresentam possibilidades de estimular o conhecimento e estreitar a comunidade com segmentos de crescimento para a comunidade. Na fala do morador B, de 65 anos , nascidos na comunidade, sobre esse tópico, observamos que apresenta expectativas positivas sobre essa temática:

> Temos recebido bastante visita de universidades e visitantes que vem conhecer nossa comunidade e as caretinhas que achamos pelo chão. Acho importantes essas visitas porque nos trazem conhecimentos sobre nossa região e os produtos produzidos nas oficinas de artesanato.

Sobre esse assunto, verificamos que as pesquisas já realizadas na comunidade foram significativamente importantes para que se dirimissem as dúvidas acerca do sítio arqueológico localizado em Santa Rita de Cássia. Machado (2020, p. 190) cita que os projetos de valoração do patrimônio local devem ser construídos em conjunto com a comunidade, em uma relação de troca entre poder público e sociedade. Dessa forma, a questão identitária e representação social são importantes para ressaltar a identidade cultural daquele povo. Uma vez que, um patrimônio isolado não existe por si só, ele precisa de um contexto e de bagagem cultural (memórias) para se manter em sociedade e ser ativo, deve ser reconhecido e vivenciado pela comunidade. Machado (2020, p. 190)

Em vista do que foi citado, podemos ressaltar que o turismo apresenta duas vertentes que devem ser trabalhadas de forma exponencial, pois agem a realçar o sentimento de pertencimento ao lugar, mas não se desconsidera o interesse econômico, uma vez que todos: homens, mulheres, jovens e crianças se debruçam na preparação dos eventos destinados à recepção dos turistas. Nesse contexto são desenvolvidas as políticas traçadas no sentido de envolver a coletividade e as experiências partilhadas nas visitações, Santos, 2004, p.59)

> Memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememorização, o que estará ligado à questão de identidade.

Usamos tal apreciação para explicitar a aproximação da cultura e identidade, num viés reforçado pela prática do turismo, de forma objetiva, o desenvolvimento da atividade turística na região da Serra da Valéria, pois a cada visitação dos navios de turistas, estreitava com o externo as manifestação artístico-culturais da região, uma vez que as cinco comunidades se preparam para tal recepção e aproveitam para mostrar sua produção artesanal, além de apresentar os vestígios encontrados nos sítios localizados nas duas comunidades São Paulo e Santa Rita de Cássia, para Souza (2014 p. 46):

> Passado, presente e futuro encontram-se entrelaçados, de modo que a vocação do passado, por exemplo, engloba o presente nas relações sociais construídas no cotidiano de uma sociedade. Uma dessas expressões visíveis é criação de marcos de lembranças, que oportunizam que os indivíduos de uma sociedade olhem para o seu passado, bem como norteiem seu futuro.

Essa afirmação abre espaço para constituirmos a importância do turismo e a construção da identidade local, como um aspecto de desenvolvimento cultural e formação sócio-histórica, pois é a partir dela que a comunidade instala sua raiz, o que a diferencia de outras, suas origens se entrelaçam com a historia de cada morador, assim como cria-se um imaginário. Segundo Souza (2014, p. 46), construir uma identidade implica no individuo mobilizar-se dentro de sua sociedade, e a cultura é uma das arenas onde o ator social construiria sua identidade.

Temos nessa definição, o que diferencia a população que habita a serra da Valéria, no que se refere ao contato com os vestígios arqueológicos, com o entendimento dessas marcas conseguem traçar a identidade dos povos pretéritos que viveram antes deles e entender sua organização social e política. Souza (2014, p.46) ainda ressalta que por identidade entendermos os aspectos peculiares de um determinado povo com suas crenças, ritos e experiências comuns que foram a identidade particular, ex: a identidade nacional brasileira, americana, japonesa, etc.

Por isso, a importância do tipo de turismo desenvolvido na comunidade de Santa Rita de Cássia e as outras que se localizam na serra são imensas, pois fortalecem a memória e estimulam a relação identitária entre os moradores. Souza (2014, p.8) enfatiza:

> No turismo cultural a memória e a identidade são essenciais para o desenvolvimento deste segmento turístico, que vem crescendo a cada dia, devido às exigências dos patrões do turismo, no caso cultura, pois um dos fatores que faz crescer esse tipo de turismo, no caso cultural, pois um dos fatores que faz crescer esse tipo de turismo é a elevação da escolaridade da população que de uma forma ou de outra vem aumento graças a esse mundo globalizado.

Dialogando com Souza (2014), entendemos que o turismo desenvolvido na Serra da Valéria tem contribuído com o enriquecimento da cultura, o fortalecimento da identidade e acima de tudo, o aumento do nível de escolaridade, pois a comunidade adquire mais visibilidade e com isso, mais investimento do poder público, a fim de que se alcance mais qualidade de vida àqueles moradores.

Considerações sobre a segunda sessão...

Desnecessário afirmar que a comunidade de Santa Rita de Cássia teria o mesmo espectro social sem a presença social do sítio arqueológico AM-PT-02, da mesma forma não se pode afirmar que sua configuração social depende somente do mesmo. É um conjunto de elementos onde homem interage com a natureza e com os artefatos que se dispõem em seu solo.

Percebemos que a memória social vai se construindo paulatinamente aos acontecimentos que ao longo dos anos vão se moldando aos avanços da comunidade. Importa traduzir a importância que o turismo tem despertado nos moradores uma busca por uma vida de melhor quantidade, quanto à organização em associações de artesãos, assim como ampliar o alcance da venda de suas composições artesanais, inserindo jovens, homens e mulheres de diferentes idades, como uma forma de criação de uma força de potência da própria comunidade.

A proposta de Turismo de Base Comunitária vem sendo estudada como uma saída importante para estruturação de um sistema onde a cultura e identidade daquela gente seja conhecida e valorizada, assim como possa construir melhoria de qualidade de vida a todos, dessa maneira a memória coletiva vai se firmando e se moldando aos fatos e situações mais relevantes.

APRESENTAÇÃO DA TERCEIRA SESSÃO

Na terceira sessão buscamos conhecer a construção da memória social , dialogando

com o trabalho da pesquisadora e psicanalista Jô Gondar (2008) pela PUC- /Rio de Janeiro, que atua no Programa de Pós - graduação em Memória Social, acerca da tríade Memória individual, memória coletiva e memória social e as narrativas dos participantes da pesquisa.

Também será analisado o avanço das relações sobre a comunidade, ou seja, saber em que a presença do sítio arqueológico contribuiu ou não para que a comunidade crescesse com as atividades que se desenvolveram. Quais as relações de poder que se mantêm ou se instalaram ao longo dos anos na comunidade, assim como o que as mesmas trouxeram àquele povo ribeirinho em comparação a outras comunidades da região do Amazonas e em outros períodos de seu desenvolvimento.

Para a análise das informações, teremos como aportes teóricos os estudos da professora Neide Gondim (2007), do professor Alfredo Wagner Berno de Almeida (2008), entre outros, com o objetivo de entender a visão que se estabeleceu em comunidades ribeirinhas, especificamente na área da serra da Valéria. Por tratar-se de uma pesquisa que se propõe conhecer a comunidade e seu desenvolvimento em diversos aspectos que envolvem a economia e as relações de força que nela se constituem, traremos a interpretação e a contextualização dos diversos pensadores e pesquisadores, como forma de fortalecimento da construção da memória social.

Como parte final desta sessão, será apresentada uma análise sobre a atuação dos elementos endógenos e exógenos que atuam de maneira ostensiva na comunidade. Serão utilizados os estudos dos professores da UFRR, Elói Martins Senhoras e Jordana de Souza Cavalcante (2014), do professor francês Ignacy Sachs (2008) , entre outros para a interpretação do acirramento das tensões e politicas públicas que esta comunidade tem enfrentado ao longo de sua existência, no contexto amazônico.

Do mirante da serra posso ver...

Finalmente, aqui do alto da Serra da Valéria, conseguimos sentir a força que emana desse lugar, a energia mistica que nos emerge no mistério e exotismo do lugar. Imaginamos o povo de outrora, como lidavam com essa magnitude da mata, das lendas, dos cantos dos pássaros que alardeam a chegada de mais um dia, do sol que anuncia o calor resplandencente, típico do verão amazonico . Além do vento que sopra manso e suave, visualizamos do o o ir e vir das crianças ao redor da igreja, jogando bola ou brincando de formas aleatorias, as mulheres tagarelando sobre suas atividades e causos

bem ou mal sucedidos, os homens arrumando suas tralhas para mais uma pescaria à noitinha, os rapazes indo “bater uma bola” no campinho, alguns homens e mulheres em suas ideias artesanais, outros trabalhando na construção no quadro da comunidade, enfim, consigo apreciar um quadro completo e integrado entre homem e natureza, na composição viva e dinâmica.

Figura 14. Futuro mirante na Serra, Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 15. Futuro mirante na Serra, Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora (2021)

Nosso olhar confunde o verde da mata com o azul de um céu que visto de cima parece tão proximo, como se cautelasse o cotidiano dessa gente cabocla, que tem como

maior patrimônio o jeito simples e ordeiro de ser.

Foi nessa simplicidade que nos ofereceram um almoço de cortesia, a prata da casa: galinha caipira, delicioso prato feito por uma moradora, iguaria feita com o esmero caboclo, num fogão a lenha e temperos colhidos do quintal, para brindar nos deram o vinho de cupu açu, o *manjar dos deuses* da Amazônia . Que sensação de soberba e prestigio. Na conversa regada a euforia do momento, foram sendo narradas as lembranças de uma vida vivida e guardada como uma reliquia muito preciosa, de um tempo que marca e se eterniza na mente dos moradores.

Essa é a comunidade de Santa Rita, proprietária de uma história ornada a fatos históricos e de patrimônio arqueológico singular, que responde pelas origens desse povo e dos habitantes que aqui foram firmando a comunidade.

Essas histórias narradas numa fluência natural expõem certo saudosismo, mas que contam a história do lugar.

Não é só um lugar, é um mistério transformado em lugar de vivência, onde o divino caprichou em riquezas naturais. Essa é a Valéria, a Serra que observa do alto de sua imponência o desenvolvimento dos que aqui habitam.

Sessão 3. A MEMÓRIA SOCIAL PROTAGONIZADA NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DA COMUNIDADE

> Esqueço sempre, mas o corpo
> lembra: em breve será dezembro.
>
> Thiago de Mello

Nossa jornada de conhecimento da Serra da Valéria se iniciou em 2014 A comunidade de Santa Rita de Cássia na Valéria para conhecer a área numa proposta de parceria para a execução de um projeto de extensão no ensino de idiomas.

A experiência foi inicialmente uma aventura, pois nos deparamos com uma região ricamente bela e exótica, característica que a diferenciava das outras que fazem parte de áreas próximas do município de Parintins, no estado do Amazonas. Para chegarmos à comunidade, saímos às 6h da manhã e num trajeto de 30 minutos, nos descolamos até a Boca da Valéria. Observamos de longe a magnitude da área com a elevação da serra. Inicialmente nos deparamos com a comunidade de São Paulo. Ressaltamos que a Boca da Valéria, entrada para o complexo de comunidades é para eles um lugar simbólico,que representa o místico, ou seja, a entrada para tudo que venha somar com aquele povo, as

esperanças e também onde são recepcionados os turistas que vem conhecer a área, é o local onde os turistas são transladados pelos canoeiros para conhecer as comunidades e a serra.

Figura 16. Boca da Valéria, Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Dessa experiência, saímos com várias indagações e o desejo de posteriormente em um trabalho mais sistemático, conhecer mais profundamente aquela gente e seu modo de viver e saber como se relacionam com a riqueza arqueológica, que a colocava como uma área diferenciada das demais.

No ano de 2020, tendo iniciado o curso de pós-graduação e projetado nossa pesquisa para aquele lócus, tivemos a infelicidade de nos depararmos com a Pandemia do Corona Vírus, o que nos impediu inicialmente de fazer o trabalho de campo, de acordo como havíamos previsto em nossa metodologia, mas refizemos a proposta para que pudéssemos nos debruçar sobre as memórias que se constroem na comunidade de Santa Rita de Cássia na Valéria.

A serra da Valéria compreende um complexo de comunidades que entre si abarcam tradições, culturas e aspectos sociais inerentes ao mundo ribeirinho, mas que buscam desenvolvimento em vários âmbitos, o turismo é uma das vertentes que muito tem sido trabalhado ao longo de anos, mas possui como mecanismo de renda a agricultura, a caça, a pesca, e o artesanato produzido por artesãos, que já constituíram uma associação para melhor implementar suas atividades artesanais. Possui uma história que se origina com pessoas que vieram e começaram a fazer suas casas, seguidas por outras famílias e até hoje dão desenvolvimento à comunidade.

Conforme o morador B que vive na comunidade há 35 anos, possui 65 anos de idade e tem uma família formada dentro da comunidade e até hoje possuem moradia e trabalham no local.

> Na época que cheguei na comunidade, as casas eram cobertas com palha e chão batido, mas tudo era muito farto. Segundo os primeiros moradores mais antigos da comunidade, a origem e criação deu-se através da primeira moradora Dona Valéria e logo após a família Xavier que juntos construíram moradias e até hoje a comunidade permanece.

A fala do morador aponta para o inicio de tudo na comunidade e dentro da memória coletiva entende-se que a comunidade foi construída a partir de poucos habitantes, depois se tornando núcleo e com o apoio da Diocese de Parintins foi se organizando e introduzindo-se outras famílias. Segundo a (SEMSA, 2019), a comunidade se constitui de 83 famílias, num total de 586 moradores, os que moram no quadro central são possuidores da terra enquanto lá estiverem, na verdade ela é pertencente à Diocese, dentro de um acordo tácito entre ambos.

Percebemos que a comunidade avança em crescimento em diversas ordens, por conter algumas instituições como a escola, o posto de saúde e por ser a sede de encontros e discussões para pesquisadores e instituições externas, que com a visão de desenvolver trabalhos ajudam no crescimento organizacional da mesma.

Figura 17. Moradias da comunidade Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 18. Tipos de moradias da comunidade Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Conforme o que observamos durante a pesquisa, verificamos que as lembranças são importantes para a justificativa de toda a história contada sobre a comunidade, serão norte para os que futuramente desejem saber e fortalecer as raízes deixadas pelos que a viram nascer. Na visão do morador C, de 57 anos, morador nascido na comunidade e docente na Escola Marcelino Henrique: “ As maiores lembranças que tenho do inicio da comunidade de Santa Rita, na Valeria era um local parecido com um paraíso e as pessoas vivendo em uma verdadeira comunidade, de muita fartura em relação a alimentação, nossa maior riqueza era nossa terra e nossos costumes.

Figura 19. Tipos de moradias da comunidade Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 20. Tipos de moradias da comunidade Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Ressaltamos que na fala do morador enfatiza um tempo pretérito vivenciado há alguns anos, exaltando a origem da comunidade, época em que se experimentava um estilo de vida campesina, onde os moradores partilhavam das riquezas e recursos naturais de forma mais abundante, com os valores morais e culturais herdados dos povos que viveram lá desde sua origem, com isso se enriquecia o patrimônio ambiental e ações que produziam crescimento. Wagley (1988, p. 125) ilustra os modos de vida e costumes que foram sendo paulatinamente herdados da cultura indígena e implantados à tradição ribeirinha: “ Foi o índio que ensinou o europeu a viver no estranho ambiente amazônico. Era o caçador e pescador. Os métodos de caça e pesca da cultura regional contemporânea da Amazônia são de origem fundamentalmente aborígene.”

O nome Valéria que deu origem à comunidade foi dado em homenagem à mulher que viveu às margens do lago do mesmo nome atualmente. Segundo a pesquisa de Dias (2020), que assinala que a mulher Valéria veio junto com os cabanos, no período das guerras da Cabanagem e se abrigavam no lugar onde se chama Boca. Ela seria a responsável de sinalizar aos cabanos sobre a chegada da policia. Após esse período se instalou no lugar que que hoje se chama Santa Rita de Cássia.

Outro morador C fala sobre sua percepção acerca da comunidade de suas memórias :

> Segundo os moradores mais antigos ,foi a partir da primeira moradora chamada Valéria que depois junto com a família Xavier, seguidos das famílias Souza e Pires que construíram a comunidade e festejam tem a Padroeira Santa Rita de Cássia e depois passou a categoria eclesial de base pela prelazia de Parintins, na época do bispo D. Arcangelo Cerqua.

Percebe-se que a igreja católica teve um importante papel na construção e formação da comunidade, tendo em vista que foi através dela que os moradores organizavam-se em grupos comunitários, sempre engajados e liderados por padres italianos que tinham como objetivo a construção de comunidades ribeirinhas para a expansão da religiosidade e através disso motivar o crescimento das mesmas.

Figura 21. Tipos de moradias da comunidade Santa Rita

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

A presença da escola também foi de extrema importância para que os moradores começassem a se estimular a morar nas comunidades, a Escola Municipal Marcelino Henrique, escola comandada pela prefeitura municipal de Parintins foi se desenvolvendo recebendo alunos ofertando o Ensino Fundamental e atualmente o Ensino Médio mediado por tecnologia, comandado pela parceria da Seduc. Esses serviços representam para os moradores razões de viver numa comunidade que não somente possui riqueza ambiental e vestígios arqueológicos, mas os comunitários conseguem viver de maneira a trabalhar na lavoura, na caça, na pesca e também ter a educação dos filhos, uma vez que o homem ribeirinho precisa desses recursos para se instalar e permanecer nessas áreas.

Segundo Elias Xavier, considerado o guardião da memória social local, que segundo registros da pesquisadora Naia Guerreiro faleceu em janeiro de 2019 aos 94 anos, as primeiras famílias que formaram a comunidade foram a família Xavier (herdeira direta da Valéria, que deu o nome à comunidade, essa família teve relevada importância para sua nucleação. Também teve relevada importância as famílias Souza e Pires. É composta atualmente de 83 famílias que nela residem, trabalham e organizam suas tarefas

diárias, no campo, na lavoura e também no artesanato. É uma das mais importantes comunidades, pois se localiza no alto da serra. Para chegarmos até ela precisamos subir uma ladeira alta, de onde podemos, através de um mirante observar toda a plenitude do lugar.

Observa-se que a relação da comunidade é muito entrelaçada ao misticismo e a magnitude do lugar, pois desde a criação da mesma, suas raízes são mescladas a uma aura mítica e rica pelas belezas do paisagismo natural e os vestigios deixados pelos antigos moradores.

3.1. As relações de força econômica e poder na comunidade de Santa Rita de Cássia , na Valéria

Os projetos que envolvem a comunidade nas atividades turísticas e artesanais representam os elementos de força para a comunidade, uma vez que desde os anos 70 os navios transatlânticos chegaram a Serra da Valéria, iniciando assim uma relação de consumo não somente de artefatos produzidos para venda durante as apresentações aos turistas, mas engajando a comunidade com agências de turismo e a Secretaria de Turismo do município de Parintins, que organizava as visitas.

Pelo que se observou e dentro das narrativas dos moradores, em principio, a comunidade não tinha entendimento acerca do valor que poderia se agregar aos vestígios, às marcas deixadas por seus antepassados e até então encontrados, conforme o morador D, de 62 anos, morador na comunidade desde 1965:

> Logo que cheguei na comunidade já existia o contato dos moradores com as peças arqueológicas, mesmo sem usar esse termo, as pessoas davam muito mais valor as peças arqueológicas e a designavam “caretinhas”, com o tempo foram deixando de lado, mas foram aprendendo que tinha valor, inclusive se tratava de patrimônio local.

Segundo o morador, foi a partir desse entendimento que se efetivou um sentimento de pertencimento ao que se concebeu como um elemento de força, relacionando a atividade econômica que surgiu a partir dela com a necessidade da comunidade ter mais uma atividade para fortalecer sua economia. Tomou-se então a presença do sitio arqueológico AM PT-01, como uma forma de ter presente as instituições que trouxeram à mesma um conhecimento muito maior sobre sua historia, sua identidade e também sobre o patrimônio que detinham em seu poder.

O simbolismo que havia acerca disso foi nomeado e valorizado a partir de um sentimento maior, ao devido valor ao que dispunha a comunidade, como parte do imaginário da serra da Valéria. Deu-se então uma ênfase maior às manifestações culturais, como as festas da padroeira, as danças, os costumes, as tradições herdadas. Hobsbawn (p. 11)

> Mesmo as tradições inventadas dos séc XIX e XX ocupavam um espaço muito menor nas vidas particulares da maioria das pessoas e nas vidas autônomas de pequenos grupos subculturais do que as velhas tradições ocupam nas vidas sociedades agrárias, por exemplo: "Aquilo que se deve fazer" determina os dias, as estações, os ciclos biológicos dos homens e mulheres do séc XX, muito menos do que determinava as fases correspondentes para seus ancestrais e muito menos do que os impulsos externos da economia, tecnologia, do aparelho burocrático estatal, das decisões políticas e de outras forças que não dependem da tradição a que nos referimos, nem a desenvolvem.

A tradição para o autor nos remete a algo que não se perde no tempo, não permanece intocável, mas se desenvolve a partir de elementos que se articulam dentro de contextos novos e vão se agregando aos costumes das comunidades, ou seja, o que o autor chama de tradição inventada são os novos costumes que vão sendo aderidas e adaptadas à sociedade fazendo parte dela ao longo do tempo.

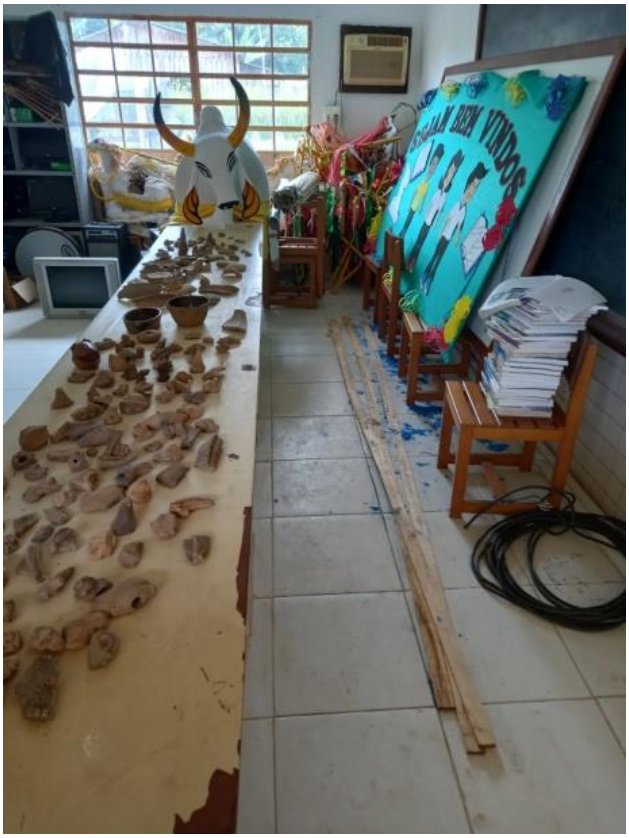
Quanto ao que se percebe como entendimento no que se entende como tradição na comunidade e o entendimento dela, o morador C observa que: "Hoje as pessoas estão mais informadas e dão mais importâncias a nossa tradição, ao sitio arqueológico, só falta o poder público investir mais e fazer um local adequado para ser colocado as peças arqueológicas, para que se possa guardar e preservar nossa memória ".

Nossa interpretação acerca da malha de entrelaçamento entre a comunidade de Santa Rita e suas tradições se compõe sob um tecido frágil e sinuoso, uma vez que ainda se encontra numa fase de organização e ajustes, no que se refere à preservação dos artefatos.

Figura 22. “caretinhas” encontradas e armazenadas na sala da escola

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 23. Sala onde se guardam os artefatos



Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Segundo o gestor da Escola Marcelino, há na escola uma sala que funciona como um local para guardar as peças que são encontradas. Em nossa observação, verificamos que existe uma sala para acomodar as chamadas “caretinhas”, a fim de que não se percam ou sejam perdidas.

Observamos que há uma necessidade da criação de um museu para que se preserve os registros e a memória acerca dos vestigios arqueológicos que até hoje foram encontrados na área, mantendo vivo os dois sítios localizados na serra. Apesar de haver uma sala especifica na escola para tal fim, entendemos que há possibilidade da criação de um local especifico que possa receber as visitas dos turistas e demais sem que traga maior prejuízo ao material.

A escola também é importante elo de desenvolvimento dos moradores da comunidade de Santa Rita com entidades que prestam relevante serviço social, nos referimos a parceria com as universidades com as universidades públicas UEA – Universidade do Estado do Amazonas, UFAM- Universidade Federal do Amazonas e o IFAM- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazona, assim como as demais instituições que prestam serviço ao conhecimento e à pesquisa cientifica, dessa

forma, essas instituições juntamente com a escola formam um importante elo de força para o desenvolvimento da comunidade.

Ressaltamos o trabalho da SEMED- Secretaria Municipal de Educação e Desporto, responsável pela escola existente na comunidade, pagando professores, fornecendo material e dando todo o suporte para que ocorra a formação dos filhos de comunitários, oportunizando que esse processo ocorra no próprio local em que residem. A escola oferece o Ensino Fundamental de 1º ao 9º Ano e numa parceria com a SEDUC- Secretaria de Educação, Desporto e Qualidade, de responsabilidade do Governo do Estado do Amazonas, funciona o Ensino Médio de 1º ao 3º Ano, na modalidade tecnológica. Isso representa imenso beneficio ao aluno que não precisa mais se descolar a outras comunidades ou a sede do município para obter sua formação.

Figura 24. Vista lateral da Escola Municipal Marcelino Henrique

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 24. Construção do ginásio da escola

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Conforme o gestor da escola quando isso ocorre, há indícios de graves prejuízos aos resultados, pois muitas vezes os alunos não conseguem adaptar-se e retornam à comunidade, interrompendo sua trajetória acadêmica.

> Quando os jovens vão estudar pra fora, uma boa parte não se adapta, desiste e vem embora, inclusive temos parcerias com IFAM para instalação de vinte aparelhos, para que se possam realizar cursos de informática para os alunos e atender também a comunidade, dessa maneira, estimular esse jovem um curso profissionalizante, uma vez que não se encontra estudando.

Consideramos uma importante ação no sentido de estimular o conhecimento e o em ações educativas, pois esse jovem estará em contato com o conhecimento acadêmico e o resultado para sua vida profissional será de suma importante.

Arguimos ainda sobre como a escola trabalha a questão de inserção social da mão-de-obra local no quadro da escola, o gestor afirmou que:

> Quando a gente lota o quadro de professores, a gente sempre dá prioridade de lotar alguém daqui pra fortalecer economicamente a região. Se tiver um projeto, como por exemplo, o projeto Mais Educação, a gente contrata monitores a nível médio, priorizando todos os pais de família da comunidade que tem habilidade dentro daquela disciplina pra trabalhar. Então teve momento que tivemos mães trabalhando junto com seus filhos aqui na escola.

(pesquisa realizada no ano de 2021)

Sobre o sitio arqueológico e os projetos desenvolvidos, perguntamos sobre a importância para a escola, o gestor observa que:

> Vejo que a arqueologia mostra a cultura dos antigos, como agiam quando morriam, enterravam as pessoas nas urnas, já encontramos várias e tenho visto. Aquelas pessoas que tinham destaque social, tudo que era dela, era colocado ali junto, por conta dessa importância no conhecimento do aluno, trabalhamos esse conteúdo em projetos desenvolvidos pelos professores em sala de aula e apresentados nos finais de bimestre.

(pesquisa realizada no ano de 2021)

Além dessa visão dos envolvidos na escola, há um trabalho a partir do projeto político pedagógico, a fim de legitimar o valor da riqueza patrimonial arqueológica existente na área,enfatizando a identidade e a pluralidade sociocultural da região da Valéria. Esse trabalho de cunho epistemológico desenvolvido por professores na sala de aula, objetiva refletir sobre o papel do estudante no contexto da comunidade, evidenciando o meio ambiente e o patrimônio arqueológico. Pollak (1989, p1) aborda sobre a questão da memória coletiva e a escola como elemento de construção dessa memória.

> Na tradição metodológica durkeimiana, que em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referencia, como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo,uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras.

Um ponto importante citado em nossa entrevista feita com o diretor da escola foi a situação da escola como vetor de transformação social, cuja função se dá no cotidiano, junto aos alunos e comunidade, de forma sistemáticas.

A verificação foi feita num momento em que os trabalhos escolares estavam suspensas em detrimento à pandemia do Corona Vírus e foi feito via whatsapp. Em vista disso, o entrevistado expõe sobre os impactos da pandemia na comunidade, principalmente no que se refere à escola nessa problemática da pandemia, ele afirmava que : “Os professores continuaram trabalhando e recebendo seus vencimentos, como por exemplo, a maioria dos funcionários da Marcelino Henrique são da comunidade, então o dinheiro vinha e circulava na mesma , mesmo que não haja funcionamento na escola, com isso ajudava a enfrentar a dificuldade pandêmica ” (entrevista cedida em 2021).

Figura 25. Alunos em atividade de oficina no projeto da escola

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 26. Pais e comunitários em palestra na escola

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Esse foi um dado importante, pois partindo do principio que sabemos que o fator econômico é determinante para a sociedade. Pollak (1989, p. 6) afirma que: “A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa em nossos exemplos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.”

Segundo a narrativa do entrevistado, a situação de isolamento social imposta pela pandemia trouxe a esse momento certa dificuldade para a comunidade, que não pode receber os turistas conforme programado no ano de 2021, uma vez que o agendamento se dá anualmente. Também pelo fato de que os artesãos produziam e escoavam sua produção durante os eventos produzidos para os turistas, e desde o ano de 2020 foram suspensas todas as visitas. Essa memória tornou-se coletivamente gravada nesse povo e daqui a alguns anos, muitos a terão na memória como um grande e triste fato a ser narrado para a posteridade.

A pandemia não tratou-se somente um problema sanitário, foi um fator de muita carência e vulnerabilidade social ao homem ribeirinho, especialmente ao que morava dentro das comunidades mais populosas, pois seria necessário apenas que um fosse contagiado para repassar aos demais e nos primeiros meses, atingiu de forma inexorável os idosos, em razão da morosidade da chegada das vacinas. Houve um momento de muito desespero e incerteza causada pelo isolamento e distanciamento de recursos de saúde satisfatórios, mas a dificuldade econômica foi uma das mais agravantes desse período. Acerca disso, o entrevistado segue dizendo:

> Foi um problema econômico, houve uma diminuição muito grande na renda do comunitário, porque quando o navio de turista ancorava e os comunitários vendiam artesanato, iam daqui, transportavam os turistas pra virem pra cá, levavam pra passear, eles conseguiam a chegar até 200 dólares, Esse dólar, trocado em reais dá uma boa quantia. Com esse dinheiro fortalecia a economia e fornecia a eles mantimento de casa, calçado, roupa, o que pra eles é muita coisa. (entrevista cedida no ano 2021)

Em razão da calamidade publica sanitária que acometeu o mundo em 2020, no Brasil reconhecida em março do mesmo ano, pelo Decreto Legislativo 6 de 2020, houve a tentativa de dirimir o impacto junto às famílias de baixa renda e em vulnerabilidade social, provou-se o auxilio emergencial no valor de 600 reais mensais, que ajudou as famílias a se recuperarem economicamente e prover a manutenção mínima da dignidade, uma vez que a Pandemia do Corona Virus desestabilizou fortemente a economia do pais, ceifando vidas e colocando em linhas de risco muitas famílias brasileiras, e as comunidades ribeirinhas sofreram esse impacto de maneira singular.

O auxilio emergencial foi destinado a todas as famílias inscritas no Cadastro Único (CadUnico), que depois de aprovadas receberam em três cotas de 600 reais, nos meses de abril, maio, junho e deixava brechas para prorrogação, sendo realizado pela Caixa Econômica Federal.

> Com a nova lei, mães solteiras menores de 18 anos passaram a ter direito ao auxílio. O beneficiário do auxílio emergencial que recebeu, em 2020, outros rendimentos em valor superior ao da primeira faixa da tabela progressiva anual do Imposto de Renda Pessoa Física ficou obrigado a apresentar a declaração de IR em 2021 e deverá acrescentar ao imposto devido o valor do auxílio recebido por ele ou por seus dependentes. Fonte: Agência Senado

Essa situação pandêmica trouxe à comunidade de Santa Rita de Cássia, assim como todos os ribeirinhos uma crise econômica, principalmente pelo isolamento que as mesmas ficaram por todo o ano de 2020. Segundo Pollak (1989, p.6) : “ A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa em nossos exemplos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.”

Traduzimos esse momento como um quadro que será um divisor de águas para os povos ribeirinhos, pois foi um período de muita dificuldade, onde o medo do contagio do vírus Corona aliou-se a vários fatores que tornaram a vida do homem amazônico muito

difícil, podemos elencar a dificuldade econômica, o isolamento social, o fechamento temporário da escola, o afastamento em atividades que antes eram realizadas em grupos, como o puxirum para a limpeza do terreno da comunidade, os plantios feitos em grupos, as brincadeiras das crianças, os eventos que recepcionavam os turistas para a venda do artesanato produzido, os passeios dos turistas e visitantes na área da serra, a igreja fechada, sinalizando que não haveria o culto ou missa costumeira. Todos esses elementos desenharam um quadro na memória social da comunidade, pois reflete exatamente uma situação atípica, mas que foi semelhante a muitas comunidades ribeirinhas e foi refletida de forma intensa na vida de todos. De modo particular, a comunidade Santa Rita teve suas atividades comprometidas por longos dois anos e isso trouxe prejuízos econômicos aos moradores, que já tinham a atividade do turismo como permanente em sua localidade.

Segundo o morador D, 54 anos, que nasceu na comunidade, que afirmou:

> Nossa comunidade ficou isolada por todo esse ano de 2020, e ainda não estamos seguros pra sair ou receber muitas pessoas, por causa da pandemia, e isso tudo trouxe dificuldade pra nós tendo porque não pudemos fazer nossas atividades normalmente e isso fez com que não tivéssemos pra quem vender nossos trabalhos de artesanato entre outras coisas, mas quando voltarmos à normalidade tudo melhora.

Conforme verificamos em pesquisas recentes, apresentadas no tópico Estado da Arte , na segunda sessão deste documento, a situação da comunidade obedeceu a uma ordem sistemática de evolução, na lista de comunidades ribeirinhas da Amazônia, mas a Serra da Valéria tinha o turismo como um elemento de força ativa para seu desenvolvimento, no ano em que a pandemia assolou o pais, a comunidade teve que lançar mão de suas atividades agrárias e moldar-se a novos costumes e práticas de trabalho. Pollak (1989, p. 8) afirma que : “Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o presente.”

Outro elemento importante no desenvolvimento da comunidade são os projetos desenvolvidos pelas instituições de ensino superior, as universidades, assim como as escolas que visam contribuir com o desvelamento do conhecimento acerca da importância arqueológica da Serra da Valéria. Os projetos de pesquisa dos cursos de graduação visam conhecer de forma epistemológica a serra, e levam aos comunitários os resultados de suas pesquisas, assim como promovem palestras, oficinas, rodas de conversa, entre outros.

Dessa forma, a comunidade partilha de saberes importantes para o fortalecimento de sua identidade cultural e ampliar sua visão sócio-histórica.

3.2. A atuação de elementos exógenos e endógenos atuantes no desenvolvimento da comunidade.

Primeiramente precisamos deixar explicita razão de abordar acerca de elementos que chegam até a comunidade através dos eventos ou a partir de qualquer outro mecanismo, o que chamaremos de exógeno, pois serão estranhos, mas podem ser agregados à cultura ribeirinha e não necessariamente sejam prejudiciais, ao contrário,traz aos moradores um novo olhar e posturas mais conscientes, o que certamente engrandece o cotidiano e crescimento local.

A comunidade Santa Rita de Cássia se destaca das outras comunidades pelo tamanho e desenvolvimento, pois nela encontra-se a maior escola, a Escola Municipal Marcelino Henrique e sua estrutura organização social é maior que as quatro demais, tendo em vista que possui mais moradores e atende a um número maior de atividades chamadas urbanas.

Percebe-se nela uma atuação de diversos agentes, sejam eles naturais exógenos ou endógenos, transformadores e difusores de várias situações, reações, ideias ou interesses, e devem ser analisados no sentido de ampliar a ótica de desenvolvimento da comunidade Santa Rita de Cássia.

Sabemos que por muito tempo as mudanças ocorridas na região amazônica foram traduzidas a partir de um determinismo biológico que estabelece flutuações admissíveis, usando a visão colonialista relacionando o “homem como parte da natureza”. Wagner (1989, p.31) relata que: O determinismo geográfico e ambiental perdera sua força explicativa com a antropogeografia ou com a geografia cultural, reconhecendo a reciprocidade de influências entre o homem e o meio, entre o natural e o cultural.

Ou seja, a partir de 1988, a categoria “povos da floresta” que agrupa seringueiro, castanheiros, quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, quilombolas e povos indígenas sintetizados num processo social e identitário. Wagner (1989, p,37). Interessa fazer essa alusão aos povos e categorias criadas para que se compreenda como as atividades econômicas desses ribeirinhos se tornam fatores de mudança e transformação no meio ambiente em que são inseridos.

Na comunidade Santa Rita, a agricultura é uma das atividades desenvolvidas, a “roça”, onde o plantio da mandioca obedece a um ciclo reconhecido pelos agricultores e

são manejados dentro do que possuem como ideal para abastecer as *casas de farinha* para a produção de farinha, tapioca, beiju, tucupi, entre outros.

Pensamos então, para que ressaltar a ação humana sobre a natureza e como gera mudanças ambientais?

Kirsch (2016, p.6) enfatiza sobre os fatores de transformação ambiental :

> Há uma explicita divergência sobre a centralidade do fator determinante. Enquanto a primeira abordagem centra atenção nos elementos externos dos desastres associados aos perigos naturais, a segunda privilegia o elemento interno, ou seja, os fatores que condicionam a capacidade de resistir aos riscos ou se adaptar aos desastres e uma mudança generalizada do ambiente.

O autor cita sobre a importância dos fatores determinantes aos perigos naturais que incidem sobre o ambiente e também de fatores que condicionam a comunidade a resistir aos riscos aos desastres e de mudanças e transformações, sejam elas climáticas, no relevo ou vegetação. Com isso, é importante que as práticas de plantio desses agricultores estejam em consonância com a sustentabilidade e preservação dos recursos naturais.

Ainda citamos nessa mesma relevância o uso de matéria-prima retirada da floresta para a confecção do artesanato. Dias (2020, p. 122) reforça que para a confecção do artesanato, é usada e retirada da floresta, matéria-prima como o cipó arumã, envira, palha, barro, caroço, sementes diversas, cascas de plantas, ossos de animais, além da madeira, como o molongó (muito usado nas peças pela sua leveza) e o próprio barro, na construção das vasilhas de cerâmica.

Dessa maneira, entendemos de que o homem precisa desses recursos naturais para o seu dia a dia e para seu desenvolvimento econômico, Para Oliveira (2003, p.5):

> O desenvolvimento regional depende da ativação social da população local, quer dizer, da capacidade de a região criar um conjunto de elementos políticos, institucionais e sociais, capaz de direcionar o crescimento, desencadeado por forças exógenas, para atingir o desenvolvimento no sentido estrito da palavra. Essa terceira força, ao contrario das duas primeiras, é completamente endógena e está associada: ao aumento da autonomia de decisão da região; ao aumento da capacidade regional para reter e reinvestir o excedente gerado pelo processo de crescimento; a uma permanente e crescente melhora social (qualidade de vida); e à preservação do meio ambiente.

O artesanato é uma atividade que envolve os comunitários de várias idades, mulheres e homens e atua como uma atividade extra, mas que representa importante atividade na rotina dos mesmos, pois aumenta sua renda familiar. O morador D, afirma

que nos eventos programados para os turistas, os artesãos se envolvem a fim de aprender e manter a tradição do trabalho artesanal. Entendemos que a mesma é uma ação endógena que traz melhoria substancial e com isso os comportamentos modificados, uma vez que eram acostumados somente na lida com o trabalho agrícola e de pesca.

A juventude se mostra um importante elemento na construção de uma sociedade mais forte, pois é representado nas atividades das educativas e também artesanais nos galpões, o morador D afirma que a participação dos jovens nos trabalhos artesanais, o jovem tem uma participação ativa, pois para eles já é uma coisa natural, não é algo diferenciado mais, eles passam por cima dos caquinhos, mas têm consciência que alguém morou antes deles aqui e usam desses vestígios como inspiração para a produção dos artefatos que são comercializados nos eventos dos transatlânticos.

Em nossa investigação também foi focalizada a questão do uso das mídias e redes sociais na vida dos moradores como um elemento que promove mudanças comportamentais na comunidade, uma vez que são elas que colocam as pessoas em comunicação com o mundo e que também servem para trazer acontecimentos, novidades e também novos moldes de comportamento social e o jovem parece sofrer influencias fortes das redes sociais:

> Com o avanço da internet, o povo que mora aqui, não tem mais as características de morador de comunidade de interior como nós tínhamos há 20 anos atrás, isso não existe mais em muitos aspectos. Existem em poucos aspectos porque esse povo já recebe muita influencia do mundo de fora, das redes sociais, todo mundo já se torna amigo e postam fotos, e se a senhora for fazer uma pesquisa sobre o que postam vai ver que dificilmente tem a ver com os artefatos, com a cultura indígena.(morador em entrevista, 2020)

Observamos que as influências externas são altamente responsáveis por novos comportamentos nos moradores e principalmente nos jovens que mantêm ligadas suas redes sociais, como Facebook, Instagran, Tweeter, com isso estão sempre conectados com o mundo externo. A escola mantém uma rede de conexão de internet para os serviços da escola viabilizado pelo governo federal, através do programa que visa informatizar as comunidades ribeirinhas, principalmente por razão da pandemia do Corona 19, porém existe rede de internet na comunidade, próximo ao lugar que chamam de mirante. Bérgson (2006, p. 96) acentua que:

> (...) À proporção que a realidade se cria imprevisível e nova, sua imagem se reflete atrás dela no passado indefinido; se vê assim que ela foi desde sempre,

> possível; mas é nesse momento preciso que ela começa a sempre tê-lo sido, e por isso eu dizia que sua possibilidade, que não procede sua realidade, a terá precedido assim que a realidade aparecer. O possível é, portanto, a miragem do presente no passado.

Essa afirmação do morador contrasta com um dado comum a muitos jovens que acompanham situações, fatos e acontecimentos presentes nas redes sociais e traz à região mudanças e transformações no que se refere a comportamento como o que observam de blogs, que ditam normas de conduta e até mesmo de modas no vestiário, expressões comunicativas, gírias, etc. Bergson (2006, p. 28) prossegue dizendo que :

> (...) na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo o instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora.

Frisamos que em nosso entendimento é essencial que a comunidade esteja em consonância com os recursos tecnológicos para que se efetivem mudanças importantes em campos diversos de sua organização, pois as transformações mostram mecanismos de crescimento e melhorias para determinados grupos, mesmo que a principio não pareça. Essas mudanças são referentes a programas que atinjam pessoas mais idosas, crianças, adolescentes ao participarem de cursos profissionalizantes, além de programas onde seja ampliada conhecimentos e informações acerca da saúde e educação.

> A mídia exerce um papel muito grande, pois o governo federal tá colocando internet em todas as escolas rurais e aqui a gente abre o espaço pra comunidade e nós achamos que todo mundo tem que ter acesso a internet, vai chegar o momento que todo mundo vai ter internet assim como tem radio em casa, não tenha duvida disso.

Essas situações são importantíssimas para que alguns comportamentos possivelmente conservadores ou frutos de costumes bastante antigos sejam modificados a partir de algumas informações atualizados.

O turismo é também mecanismo para que ocorram essas transformações, uma vez que é a partir dele que a comunidade ganha espectro na sociedade, mostrando seu potencial ambiental e também a partir dos sítios localizados na Valéria. Issa (2007, p. 2) comenta sobre isso:

> Assim como existem locais em que o turismo é aparentemente apenas negócio, também existem locais em que o turismo foi aos poucos acontecendo sem interesses essencialmente econômicos, foi amadurecendo pelo fato de os interessados se identificarem ou terem a curiosidade de conhecer o lugar, resultando no despertar da população local, percebendo que seus valores, seus mitos, sua cultura, seu patrimônio.

Neste viés, ressaltamos a importância desses elementos relevantes para o fortalecimento da comunidade Santa Rita, o turismo, a Internet através das redes sociais e de recursos tecnológicos disponíveis a todos.

Outro ponto importante é a parceria do Poder Executivo no apoio em questão da Secretaria de Turismo do município que organiza os pacotes turísticos e influenciam diretamente para que os estrangeiros venham conhecer a região da Serra da Valéria, assim como o patrimônio arqueológico contido na área. A produção do artesanato também estimulada pelos eventos que ocorrem periodicamente torna-se um elemento de força econômica para aquele povo.

3.3. Aspectos sociolinguísticos insurgentes : a comunicabilidade necessária

Comunicar é preciso, viver também é preciso...

“I’m a conoeist, I will take you anywhere .”

A comunicação verbal é um ato de interação social de relevância importantissima, comunicar-se através de um código comum torna as relaçoes muito mais amplas e significativas, quando isso não ocorre ou é realizado a partir de outro idioma torna-se um ato complexo. Uma das grandes inquietações acerca do turismo que envolve a interação em comunidades ribeirinhas é a maneira utilizada pelos mesmos quanto ao idioma usado para a comunicação com o turista, os canoeiros, que são os moradores que trabalham na condução dos turistas usando canoas, mostrando a área, somente possuem o Ensino Fundamental completo e não falam o inglês ou outro idioma qualquer, a maior parte deles, só possui o Ensino Fundamental, outros nem isso.

Muitos têm sérias dificuldades em aprender o inglês ou outro idioma, visto que não conseguiram evoluir para aprender nem a língua materna, mas conseguem trabalhar com o turista dentro de uma dinâmica criada pelos próprios canoeiros. Ao assuntar ao morador D sobre como acontecia essa interação, ele afirmou que:

> As vezes tem guias que estão lá no porto, usam também placas e essas já são comunicativas, como por exemplo;”Eu sou canoeiro”, “eu transporto daqui pra

> Santa Rita", em inglês e eles já memorizaram o significado daquela placa e é entendido pelo estrangeiro, que também não sabe falar o português, dessa forma, se entendem usando também gestos ou o estrangeiro fala: " Santa Rita", então, o canoeiro já sabe onde deve levá-lo. Da mesma forma usam o Bom dia, bem vindo e apresentam.

Denota-se que há uma forma inteligente de comunicação entre o ribeirinho morador da Serra da Valéria com o estrangeiro. De forma criativa eles verificam mecanismos de entendimento e socialização para que sejam realizado o turismo naquela localidade. Djalma Batista (2007, p. 21) afirma que:

> Culturalmente, as Amazônias também diferem muito, começando pela língua. Cinco idiomas são falados (além do quíchua dos Andes): português, espanhol, inglês, holandês e francês. O português é a mesma língua abrasileirada, que ficou no País da cultura lusitana; mas o espanhol é mais o castelhano, que os brasileiros entendem perfeitamente, sem que a recíproca seja verdadeira (ninguém entende o português, ao falarem nos países limítrofes).

Entendemos também os idiomas falados no que o autor chama de Amazônias nos interessa saber que na parte da Amazônia que perpassa em terras brasileiras o idioma falado é o português e muitos têm dificuldade de falar outro idioma, seja o inglês ou espanhol.

Na comunidade de Santa Rita foi verificado que já aconteceram alguns cursos profissionalizantes em que se ofereceu o inglês instrumental, a fim de dirimir as dificuldades na comunicação com os turistas, oferecidos por programas das universidades públicas UEA, UFAM e IFAM, conforme o diretor da escola, que acompanhou a execução desses cursos que eram ministrados nas dependências da escola:

> Quando aconteceu o curso na comunidade houve uma adesão grande, porém com o tempo, houve certa desistência, mas uma grande parte conseguiu terminar. Sabemos que com o ensino de idiomas na comunidade, iria se profissionalizar as pessoas, inclusive, alguns já passaram por cursos de inglês instrumental que ajudou bastante ao mesmo pra se comunicarem melhor com os turistas que chegam.

Pela fala do morador, percebemos que os canoeiros já tem certa noção da necessidade de aprender um novo idioma e da importância que esse aprendizado trará excelência ao aspecto do turismo desenvolvido na região e também à sua prática.

Em nosso ver, isso é mais que um aprendizado de um idioma, é uma forma de fortalecimento de sua cultura utilizando mecanismo de interação que dantes denotava fragilidade e o colocava numa posição de inferioridade. Sabemos que isso ocorre desde os tempos mais remotos da colonização da região amazônica.

Djalma Batista (2007, p.27) fala que desde a chegada dos portugueses à Amazônia, o conflito entre a cultura que chegava e a tradicional, dos senhores, era inevitável, ocasionando desde então o rompimento do equilíbrio ecológico.

Segue afirmando que:

> Para os índios, os resultados desse choque foram sumamente graves: houve mudança dos métodos de trabalho e dos hábitos alimentares; a imposição de novas crenças, ´(...) o propósito de subordiná-lo, pela escravidão declarada ou disfarçada aos conquistadores, além de modificações profundas a estrutura familiar.

Em nossa interpretação, esse desequilíbrio não se deu somente no campo ecológico, onde o meio ambiente foi sofrendo alterações e transformações ao longo do tempo, muitas delas, trazendo grandes prejuízos ao ecossistema, modificando clima, solo, rios, entre outros, mas Djalma Batista aponta para a imposição de novas crenças, no sentido de subordinação e escravidão declarada ou disfarçada, o que nos faz pensar que causou grande atraso durante muitas gerações ao homem amazônida.

Como pesquisadora, seria desinteressante deixar de estabelecer esse parâmetro de discussão, uma vez que sabemos que pela grandiosidade e magnitude de nossa região, ainda permanecemos muito aquém de onde deveríamos estar em vários campos da sociedade, por vários fatores, um deles é a subordinação denunciada por Djalma Batista e outros. Desta forma, este projeto legitima nossa consciência crítica acerca de cada vez mais desenvolver trabalhos que atinjam a memória e que a partir dos registros comecem a se tecer novas teias para o engajamento social do homem amazônico.

Figura 27. Redondezas da Serra onde os turistas visitam

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Figura 28. Redondezas da Serra onde os turistas visitam

Fonte: imagem da pesquisadora(2021)

Segundo Alfredo Wagner (2008, p.36) após a 2ª Guerra Mundial, o determinismo geográfico e ambiental perdera sua força explicativa com a antropogeografia ou com a geografia cultural, reconhecendo a reciprocidade de influências entre o homem e o meio, entre o natural e o cultural.

Nesse pensamento exaltamos a força e a capacidade do homem ribeirinho, morador da comunidade Santa Rita, que encontrou um mecanismo de inserção comunicativa e

consegue realizar seu trabalho dentro de expectativas viáveis ao estrangeiro, desta maneira, comercializa seus produtos artesanais e a partir do período em que houver permissão irá ser reconduzido a apresentar sua cultura aos que visitarem a serra.

Considerações Finais

Os projetos desenvolvidos na Serra da Valéria, ao longo do tempo vem trazendo à sociedade acadêmica e geral o conhecimento acerca da realidade de um povo que convive com uma história de controvérsias, de pluralidade cultura, que possui diversidade ambiental de magnitude singular. Convém a todos que por lá passam deixem gravadas suas percepções sobre o nicho patrimonial existente na Serra da Valéria e daquele povo.

Tudo que absorvemos como conhecimento empírico ou epistemológico ilustrou significativamente nossa trajetória acadêmica, e de forma alguma poderá ser uma repetição de dados ou de informações.

Podemos dividir nossa análise em três partes: a) sobre a comunidade – considerando de relevância reafirmar que a comunidade Santa Rita de Cássia encontra-se em expansão e possui recursos e mecanismos para crescimento econômico de forma vultuosa, pois tem no artesanato uma força de potência imensa, uma vez que a partir dela pode fortalecer os eventos futuros e também aquecer a economia trazendo melhorias de vida a localidade; b) o turismo é uma forma de fortalecimento das relações internas e externas, pois a partir dele, a comunidade conseguirá desenvolver-se culturalmente, implementando criatividade e inovação em suas manifestações culturais, com isso, a identidade do morador da comunidade de Santa Rita terá assegurado valor de pertencer aquele *chão;* c) quanto aos vestígios arqueológicos que ainda são encontrados em solo podem ser guardados e conservados em um mini-museu, que seria uma ideia interessante para que pudesse não somente preservar os artefatos, mas resguardar a história memorável da localidade.

Por fim, a memória social da comunidade está entrelaçando-se com seu cotidiano e sendo construída de forma dinâmica, a Serra terá sua epopeia a narrar a seus futuros moradores, pois foi palco de muita luta e resistência, por uma vida de um povo ribeirinho que soube reagir de forma positiva e criativa para dias melhores no meio amazônico. Enquanto pesquisadora foi o inicio de uma história a ser narrada de forma muito mais criteriosa, no sentido de registrar o significado de ser morador(a) da Serra da Valéria!

REFERÊNCIAS

A invenção das Tradiçoes. Org. Eric Hobsbawn e Terence Ranger. Rio de Jaeiro. Paz e Terra, 1997.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro : Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

AZEVEDO FILHO, João D'Anúzio Menezes de. **A produção e a percepção do turismo em Parintins**. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

BARRETO, William de Souza. **Análise do Turismo Comunitário "indígena" na Amazônia como estratégia de promoção do Desenvolvimento Regional: um estudo da região da Valéria**, 2020. (Parintins/AM). Disponível em:. https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/16788

BATISTA, Djalma. O Complexo da Amazônia. 2ª Ed. Manaus: Valer, EDUA, 2007

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 14 ed. São Paulo: Editora Senac, 2019

BERGSON, Henri. Memória e vida. São Paulo: Martins Fontes, 2006

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 8ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Unesp, 1997.

DIAS, Naia Maria Guerreiro. **Valéria, uma arqueologia ancestral: protagonismo mítico matriarcal na serra de Parintins, Amazonas**, 2020 [tese] – Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

DIAS, Naia Maria Guerreiro; TORRES, Iraildes Caldas. As mãos pensam: artesanato e imaginário da Serra de Parintins. In **anais do III Seminário Internacional em Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia,** Manaus, 2018. Disponível em :https://www.doity.com.br/anais/iiisiscultura/trabalho/80371. Acesso em 21/09/2020 às 13:30.

Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/60>. Acesso em: 27 out. 2021. doi:http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v9i1.60.

DOUGLAS, Mary. **O mundo dos bens para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2001.

FONSECA, Antonio Picanço. **(Eco) turismo e territorialidade: a (in) sustentabilidade na Boca da Valéria / Parintins – AM** / Antonio Picanço Fonseca. - Manaus: UFAM, 2010. Disponível em https://r.search.yahoo.com.com.brturismo--territorialidade-e-sustentabilidade-na-ppg/. Acesso em 11.05.2021

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHA, 2002.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva, memória social**. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13, 2008 - ISSN 1676-2924.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia .** 2ª ed. Manaus : Editora Valer, 2007.

HALBWACHS, Mauricie. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HILBERT, Peter Paul.; HILBERT, Klaus. **Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e trombetas, Baixo Amazonas**.(1975) Traduzido por SIMÔES, Mário. *In*: **Boletin do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 1980.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle Novas configurações de divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez, 2007.

https://www.redalyc.org/journal/349/34959264006/html/

KIRSCH, Heitor Marcos;SCHNEIDER. Sergio. Vulnerabilidade Social às mudanças climáticas em contextos rurais. RBCS. Vol 31. N 91. Junho/2016.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Marcos; PARENTE, Maria Tereza Vieira. **Tráfico de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas**: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. Revista de Arqueologia Pública, nº. 8, Dez. 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Marcos; PARENTE, Maria Tereza Vieira. Tráfico de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. Revista de Arqueologia Pública, nº. 8, Dez 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP.

LIMA, Helena Pinto; MORAES, Bruno Moraes. Arqueologia e Comunidades Tradicionais na Amazônia. Ciência e Cultura, v. 2, p. 39-42. São Paulo: Hucitec, 2013.

MAFFESOLI, Michel**. O imaginário é uma realidade.** Revista FAMECOS • Porto Alegre, v. 8, nº 15 • agosto 2001. p 74-82.

MAGALHÃES, Batista Cláudio. Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. Cardeno Vitual de Turismo. Vol5. N 3. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

Moraes, Claide de Paula. O determinismo agrícola na arqueologia amazônica. Estudos Avançados [online]. 2015, v. 29, n. 83 [Acessado 21 Outubro 2021] , pp. 25-43. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015000100004>. ISSN 1806-9592. https://doi.org/10.1590/S0103-40142015000100004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita : repensar a reforma, reformar o pensamento** – 8 ed- rio de Janeiro: Bertrand Brasil , 2003.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. **O velho e o novo na Arqueologia Amazônica.** Revista USP, São Paulo, N° 44.p.86-111,dez/fez,1999-2000.

OLIVEIRA, Gilson B. de;LIMA, José Edmilson de Souza. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável**. Ver. FAE, Curitiba, v.6, n2,p. 29-37,2003

PERROT, Michele. A força da memória e da pesquisa histórica. In: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, n. 17, p. 351-360, nov. 1998.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michel . **Memória e Identidade Social. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol5. N. 10, 1992, p 200-212.

PORRO, Antônio. Dicionário Etno- Histórico da Amazônia Colonial. 2007

PRIORE, Mary Del. Os senhores dos rios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

RICCOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. Novos Cadernos NAEA, [S.1.],v.9,nº 1,dez.2008. ISSN 2179-7536.

SÁ, Celso Pereira de. **Sobre o campo de estudo da Memória Social**. Uma perspectiva Psicossocial. Disponível em www.scielo.br/prc. UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SENHORAS, E M; CAVALCANTE, J S. **Turismo e padrões de desenvolvimento Endógeno e Exógeno**. Vol. 7. N° 17 (dez/2014) . Disponível em: https://www.academia.edu/download/38608639/desenvolvimento-endogeno.pdf

Turismo patrimonial: o passado como experiência. Michel Constantino Figueira e Márcia Della Flora Cortes. Pelotas, Ed. do Autor,2020,

Uso do WhatsApp enquanto ferramenta de pesquisa na análise das práticas profissionais da enfermagem na Atenção Básica . Mnemosine Vol.15, nº1, p. 242-264 (2019) – Parte Geral - Artigos

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos** . São Paulo. Companhia Editora Nacional , 1988.

ANEXO

Entrevista aos comunitários lideres da comunidade e servidores públicos que moram na comunidade: (enviada via Google doc, por whatsapp)

1. INFORMAÇÕES GERAIS
    1. Idade
    2. 2. Sexo ( ) M ( ) F
    3. Estado civil
    4. Nível de escolaridade ( ) Fund. ( ) Médio ( ) Superior
    5. Profissão
2. QUESTÕES SOBRE O TEMA:

1. Há quanto tempo você mora na comunidade?
2. O que você sabe sobre a origem e criação da comunidade:

    Segundo os primeiros moradores mais antigos da comunidade, a origem e criação deu-se através da primeira moradora Dona Valéria e logo após a família Xavier que juntos construíram moradias e até hoje a comunidade permanece.
3. Existem pessoas que você considera moradores mais antigos e importantes dentro da comunidade ? È capaz de justificar sua afirmação? Como?

4. Descreva a comunidade que você guarda na memória de alguns anos atrás

5. Você lembra como foram os primeiros contatos com os vestígios arqueológicos ? como os moradores reagiam? Atualmente, houve mudança em relação a isso?

6. Quais suas lembranças mais significativas dessa região dessa época?

7. Você crê que o morador já entende o que significa patrimônio cultural

IMAGENS

Imagens obtidas pela própria pesquisa, nas visitas feitas sob a permissão da liderança da comunidade, após o pico pandêmico em 2021.